

Julio Jacobo Waiselfisz

MAPA DA VIOLÊNCIA 2015

Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil



FLACSO
BRASIL

MAPA DA VIOLÊNCIA 2015.

Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Julio Jacobo Waiselfisz

VERSÃO PRELIMINAR

Rio de Janeiro: Junho de 2015

CRÉDITOS

Autor: Julio Jacobo Waiselfisz

Assistente: Silvia Andrade Magnata da Fonte

Revisão: Margareth Doher

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO

Rua São Francisco Xavier, 524 - Bloco F –

12º andar - Sala 12.111

CEP: 20550-013 - Rio de Janeiro - RJ – Brasil

Fone: (+55 21) 2234-1896

j.jacobo@flacso.org.br

SUMÁRIO

Introdução

1. Notas conceituais e técnicas

- 1.1. Notas conceituais
- 1.2. A mortalidade e suas causas
- 1.3. Notas técnicas: as fontes

2. Histórico das causas de mortalidade de crianças e adolescentes

3. Caracterização das vítimas de homicídio de 16 e 17 anos

- 3.1. Homicídios por idades simples
- 3.2. Sexo das vítimas
- 3.3. A cor dos homicídios
- 3.4. Os instrumentos utilizados
- 3.5. Nível educacional das vítimas

4. Os homicídios nas UFs

5. Os homicídios nas Capitais

6. Os homicídios nos Municípios

7. Estatísticas Internacionais

8. Considerações finais

VERSÃO PRELIMINAR

INTRODUÇÃO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, pedra fundamental de nossa moderna convivência civilizada, estabelece, no seu art. 3º, que “todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” e adiciona, no art. 5º: “ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes”.

A Constituição Federal estipula, no seu art. 227: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Nosso Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 1990, também contempla, no seu art. 4º: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

Não obstante, mesmo com todo esse enorme aparelho de recomendações, normas e resoluções, diariamente somos surpreendidos com notícias de graves violações, de atos de extrema barbárie praticados, em muitos casos, pelas pessoas ou instituições que deveriam ter a missão profícua de zelar pela vida e pela integridade desses adolescentes: suas famílias ou as instituições que, na letra da lei, deveriam ser as responsáveis pelo resguardo e proteção.

Ainda mais: o que chega à luz pública, o que consegue furar o véu da vergonha, do estigma, do ocultamento e da indiferença, parece ser só a ponta do *iceberg*, uma mínima parcela das agressões, negligências e violências que, de fato, existem e subsistem em nossa sociedade. Não pretendemos, aqui, realizar um diagnóstico acurado da violência no país. Além de não ter essa pretensão, seria impossível abrangermos a realidade diversificada de 5.565 municípios, 27 Unidades Federativas (UFs), 27 capitais. De forma bem mais modesta, pretendemos subsidiar esse diagnóstico que consideramos não só

necessário, mas imprescindível. Mais ainda nos dias de hoje, marcados por profundos desentendimentos e polêmicas sobre a maioria penal, que afeta decididamente nossos adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Esses jovens, são as vítimas ou os algozes de nossas duras violências cotidianas?

VERSÃO PRELIMINAR

1. NOTAS CONCEITUAIS E TÉCNICAS

1.1. Notas conceituais

Colocávamos em estudos anteriores que o contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização de nossa vida social, adquirindo formas específicas de manifestação nas diversas esferas da vida cotidiana. A questão da violência e sua contrapartida, a segurança cidadã, têm-se convertido em uma das principais preocupações não só no Brasil, como também nas Américas e no mundo todo, como o evidenciam diversas pesquisas de opinião pública. Esse fato foi recentemente corroborado pelo Ipea, que divulgou uma pesquisa realizada em 2010 numa amostra nacional, na qual perguntava aos entrevistados sobre o medo em relação a serem vítimas de assassinato, categorizando as respostas em muito medo, pouco medo e nenhum medo¹. O resultado altamente preocupante constitui um sério toque de alerta: 78,6% da população têm muito medo de ser assassinada; 11,8%, pouco medo; e somente 9,6% manifestaram nenhum medo. Em outras palavras: apenas um em cada dez cidadãos não tem temor de ser assassinado e oito em cada dez têm muito medo. E essa enorme apreensão é uma constante em todas as regiões do país, como bem aponta Alba Zaluar: “ela está em toda parte, ela não tem nem atores sociais permanentes reconhecíveis nem ‘causas’ facilmente delimitáveis e inteligíveis”².

Todavia, também assistimos, desde finais do século passado, a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de fenômenos que parecem ser características marcantes da nossa época: a violência e a insegurança. Como assevera Wieviorka³, “mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades”. Efetivamente, assistimos, por um lado, a um incremento constante dos indicadores objetivos da violência no

¹ Ipea. SIPS. Sistema de Indicadores de Percepção Social. Segurança Pública. Brasília, 30/03/11. O Ipea é o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Consultado em 24/11/2011: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6186&Itemid=33.

² ZALUAR, A. A guerra privatizada da juventude. *Folha de São Paulo*, 18/05/97.

³ WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, n.1, v.9, 1997.

mundo: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais etc., índices de criminalidade, incluindo nesta categoria o narcotráfico. Também presenciamos, nas últimas décadas, um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito assume, "(...) de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais"⁴, como a violência intrafamiliar contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, a violência nas escolas etc. Essas formas de violência estão migrando da esfera do estritamente privado para sua consideração como fatos públicos, merecedores de sanção social. E estamos nessa transição.

Ainda que existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: a noção de coerção ou força; o dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorde-se, neste trabalho, com o conceito de que "há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais"⁵.

Devemos ainda especificar nosso entendimento, ao longo do presente estudo, do conceito criança e adolescente. A Lei 8.069, de 13 julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, considera criança a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Mas existem sérias dificuldades para desagregar as informações disponíveis usando esses cortes etários, principalmente os dados de população para os anos intercensitários, imprescindíveis para o cálculo das taxas que possibilitam colocar numa base comum anos ou áreas geográficas diferentes. Por esse motivo, se não existe outra possibilidade, deveremos utilizar agrupamentos etários quinquenais: 0 a 4 anos; 5 a 9 anos; 10 a 14

⁴ PORTO, M. S. G. A violência entre a inclusão e a exclusão social. *Anais do VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia*. Brasília, ago., 1997.

⁵ MICHAUD, Y. *A violência*. Ática: São Paulo, 1989.

anos; e 15 a 19 anos de idade. Nesses casos, ao falar de crianças e adolescentes, utilizaremos como *proxi*, a faixa de 0 a 19 anos de idade.

1.2. A mortalidade e suas causas

Diferentemente das chamadas *causas naturais*, indicativas de deterioração do organismo ou da saúde devido a doenças e/ou ao envelhecimento, as *causas externas* remetem a fatores independentes do organismo humano, fatores que provocam lesões ou agravamentos à saúde levando à morte do indivíduo. Essas causas externas englobam um variado conjunto de circunstâncias, algumas tidas como acidentais (mortes no trânsito, quedas fatais, etc.) e outras como violentas (homicídios, suicídios, etc.). Por isso, um dos nomes atribuídos a esse conjunto é o de *acidentes e violências* ou, em outros casos, simplesmente *violências*, dividindo a mortalidade em dois grandes campos: o das mortes naturais e o das violentas.

Apesar das diversas referências às causas naturais, o eixo do presente estudo deverão ser as denominadas causas externas de mortalidade, que ceifam a vida de milhares de crianças, adolescentes e jovens do país, principalmente em seu capítulo mais perverso e brutal que são os homicídios. Por esse motivo, deveremos tentar explicar essa focalização.

Como veremos nos capítulos a seguir, as causas externas de mortalidade vêm crescendo de forma assustadora nas últimas décadas: se, em 1980 representavam 6,7% do total de óbitos na faixa de 0 a 19 anos de idade, em 2013 a participação elevou-se de forma preocupante: atingiu o patamar de 29%. Tal é o peso das causas externas, que em 2013 foram responsáveis por 56,6% – acima da metade – do total de mortes na faixa de 1 a 19 anos de idade⁶. Só para se ter ideia do significado: no ano de 2013, os homicídios representam 13,9% da mortalidade de 0 a 19 anos de idade; a segunda causa individual: neoplasias, tumores, representa 7,8%.

⁶ Descontando aqui a mortalidade das crianças com menos de um ano de idade, quando a principal causa de morte são as afecções no período perinatal (primeira semana de vida), tais como traumatismo de parto ou transtornos no recém-nascido.

1.3. Notas técnicas: as fontes

Neste item, apresentaremos as fontes globais utilizadas para a elaboração do estudo. Fontes específicas, utilizadas exclusivamente para um aspecto particular do estudo, serão detalhadas nos capítulos correspondentes.

- **Homicídios no Brasil.** A fonte básica para a análise dos homicídios no país, em todos os mapas da violência até hoje elaborados, é o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS).

Pela legislação vigente (Lei nº 6.015 de 31/12/1973, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216 de 30/06/1975), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de declaração de óbito atestado por médico ou, na falta de médico, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte. Essas declarações são posteriormente coletadas pelas secretarias municipais de saúde, transferidas para as secretarias estaduais de saúde e centralizadas posteriormente no SIM/MS. A declaração de óbito, instrumento padronizado nacionalmente, fornece dados relativos a idade, sexo, estado civil, profissão e local de residência da vítima. Também fornece o local da ocorrência da morte, dado utilizado para desenvolver o presente estudo.

Outra informação relevante exigida pela legislação é a causa da morte. Tais causas são registradas pelo SIM seguindo os capítulos da Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS). A partir de 1996, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão do CID, que continua vigente até os dias de hoje (CID-10). Como esclarecido no item anterior, o trabalho centrar-se-á nas *causas externas* de mortalidade que, de acordo com a última classificação da OMS, abrangem as seguintes categorias:

- V01 a V99: acidentes de transporte;
- W00 a X59: outras causas externas de traumatismos acidentais;
- X60 a X84: lesões autoprovocadas intencionalmente (suicídios);
- X85 a Y09: agressões intencionais (homicídios);
- Y10 a Y98: outras causas externas.

- **Homicídios Internacionais.** Para as comparações internacionais foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da OMS⁷, em cuja metodologia baseia-se também o SIM do Ministério da Saúde. Mas, como os países-membros atualizam suas informações em datas muito diferentes, foram usados os últimos dados disponibilizados entre 2010 e 2013. Por esses critérios, foi possível completar os dados de homicídios de crianças e adolescentes de 85 países do mundo.

- **População do Brasil.** Para o cálculo das diversas taxas dos estados e municípios brasileiros, foram utilizados os censos demográficos do IBGE e estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo DATASUS que, por sua vez, utiliza as seguintes fontes:

- 1980, 1991, 2000 e 2010: IBGE – censos demográficos;
- 1996: IBGE – contagem populacional;
- 1981-1990, 1992-1999, 2001-2009, 2011-2012: IBGE – estimativas preliminares para os anos intercensitários dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo pelo MS/SE/DATASUS;
- 2013: projeções pelo método dos mínimos quadrados realizados a partir dos dados do Censo IBGE 2010 e as estimativas por idade/sexo do MS/SE/DATASUS.

Como as estimativas para os anos intercensitários nem sempre desagregam a informação populacional por idades simples, mas por faixas etárias, resulta impossível discriminar os dados para a faixa de 16 e 17 anos de idade. Por esse motivo, utilizaremos, em alguns casos, o melhor *proxi* disponível, que é a faixa de 15 a 19 anos.

- **População Internacional.** Para o cálculo das taxas dos diversos países do mundo, foram utilizadas as bases de dados de população fornecidas pelo próprio WHOSIS. Contudo, perante a existência de lacunas, para os dados faltantes foi utilizada a Base Internacional de Dados do US Census Bureau⁸.

⁷ WHOSIS, *World Mortality Databases*.

⁸ Ver <http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>.

2. HISTÓRICO DAS CAUSAS DE MORTALIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Segundo o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, o país contava com um contingente de 190.755.799 habitantes. Desse total, 3.410.704 tinham 16 anos de idade e 3.372.242 tinham 17 anos, representando 1,8% do conjunto, cada uma, e 3,6% as duas.

Como indicado no capítulo anterior, em alguns casos resulta problemático desagregar os dados de população – imprescindível para elaborar as taxas – para esses cortes etários, dado que as estimativas intercensitárias desagregam a população para grupos de 5 anos. Nesses casos, deveremos trabalhar com o agregado de 15 a 19 anos de idade. Segundo o mesmo censo, nesse agregado de idades teríamos 16.990.870 jovens.

As tabelas 2.1 a 2.3 e os gráficos 2.1 e 2.2, possibilitam acompanhar a evolução e peso das diversas categorias que integram as causas de mortalidade segundo a classificação internacional da OMS.

Vemos que, em conjunto, as causas externas vitimaram 689.627 crianças e adolescentes entre 1980 e 2013. O crescimento foi intenso na década de 80, quando o número de vítimas aumenta 22,4%, o que representa um incremento real de 10,6%, visto o aumento da população nesse período. Já na década de 90, o aumento é bem menor: as taxas de óbito por causas externas crescem 4,3% e na primeira década do presente século as taxas tiveram uma queda de 1,0%. Já de 2010 a 2013, o incremento das mortes por causas externas foi elevado: 9,9% nesses poucos anos, o que implica em incremento real de 7,1%. Vemos que a tendência histórica da taxa por causas externas é de diminuir seu ritmo de crescimento, se bem que nos 33 anos da série histórica, o saldo foi um aumento global de 33,9% no número de vítimas e de 22,4% nas taxas.

Um fato a ser destacado é o significativo diferencial evolutivo dessas causas externas (acidentes, suicídios, homicídios, etc.) e das causas naturais (enfermidade, deterioração da saúde) na mortalidade de crianças e adolescentes. Na contramão das denominadas *causas naturais*, que diminuem de forma contínua e acentuada nas três décadas analisadas, as *causas externas* evidenciam crescimento lento, mas também contínuo. As taxas de

mortalidade por *causas naturais* na faixa de 0 a 19 anos de idade despencam de 387,1 óbitos por 100 mil em 1980 para 83,4 em 2013. Isso representa uma queda de 78,5%, bem menos da quarta parte do que era em 1980. Já as taxas por *causas externas*, como acima apontado, passam no mesmo período de 27,9 para 34,1: crescimento de 22,4%. Com esse diferencial, aumenta de forma drástica a participação das causas externas no total de mortes de crianças e adolescentes. Efetivamente, em 1980 as causas externas representavam só 6,7% do total de mortes de crianças e adolescentes. Para 2013 essa participação mais que quadruplica: se eleva para 29%. E a tendência visível, pelos dados dos últimos anos, indica que essa participação vai crescer mais ainda.

No período de 1980 a 2013, as causas externas de mortalidade aumentaram drasticamente sua participação: os homicídios, passam de 0,7% para 13,9% no total de mortes de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade, os acidentes de transporte, passam de 2% para 6,9% e os suicídios de 0,2% para 1,0%.

Desagregando essas causas em seus diversos componentes, vemos que tanto sua evolução quanto seu peso relativo foram bem diferenciados. Efetivamente, se acidentes de transporte, suicídios e homicídios de crianças e adolescentes cresceram ao longo do tempo, outros acidentes e outras violências diminuíram. Esse sobe e desce ao longo do tempo originou a seguinte estrutura das causas em 2013:

- 71% morrem ainda por causas naturais (e 29% por causas externas);
- 13,9% por homicídio;
- 6,9% em acidentes de transporte.

Tabela 2.1. Evolução dos óbitos de crianças e adolescentes (0 a 19 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.

Ano	Causas Externas						Causas Naturais	Total óbitos 0 a 19 anos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídio	Homicídio	Outras Externas	Causas Externas		
1980	4.782	6.309	482	1.825	3.059	16.457	228.485	244.942
1981	4.832	6.538	567	1.920	2.704	16.561	217.059	233.620
1982	5.204	6.518	470	1.899	2.524	16.615	202.915	219.530
1983	4.788	7.429	533	2.266	2.000	17.016	195.585	212.601
1984	5.202	7.115	439	2.596	2.150	17.502	199.859	217.361
1985	5.812	7.327	407	2.908	2.406	18.860	168.545	187.405
1986	6.652	7.384	455	3.134	2.789	20.414	168.932	189.346
1987	5.822	7.119	451	3.396	2.559	19.347	155.973	175.320
1988	5.946	7.127	393	3.422	2.734	19.622	151.805	171.427
1989	6.278	7.405	443	4.456	2.531	21.113	134.478	155.591
1990	5.946	7.255	446	5.004	1.489	20.140	124.317	144.457
1991	5.831	7.070	488	4.674	1.549	19.612	112.341	131.953
1992	5.581	6.910	485	4.165	1.779	18.920	111.222	130.142
1993	5.740	7.039	570	4.782	1.912	20.043	115.537	135.580
1994	6.051	7.246	645	5.168	2.113	21.223	113.365	134.588
1995	6.423	7.336	632	5.925	1.697	22.013	105.096	127.109
1996	6.832	7.254	750	6.170	1.651	22.657	96.861	119.518
1997	6.546	6.956	683	6.645	1.530	22.360	92.669	115.029
1998	5.574	6.096	701	7.181	2.156	21.708	94.078	115.786
1999	5.518	6.317	634	7.355	1.749	21.573	90.897	112.470
2000	5.154	6.095	609	8.132	1.953	21.943	88.449	110.392
2001	5.243	5.300	816	8.480	1.712	21.551	82.236	103.787
2002	5.538	5.455	756	8.817	1.807	22.373	78.248	100.621
2003	5.359	5.074	763	8.787	1.533	21.516	77.000	98.516
2004	5.518	4.992	750	8.309	1.623	21.192	72.501	93.693
2005	5.436	4.930	732	8.361	1.581	21.040	68.764	89.804
2006	5.390	4.710	756	8.414	1.344	20.614	65.898	86.512
2007	5.471	4.448	716	8.166	1.635	20.436	61.922	82.358
2008	5.388	4.329	735	8.433	1.586	20.471	60.573	81.044
2009	4.981	4.258	680	8.393	1.667	19.979	58.937	78.916
2010	5.456	3.953	709	8.686	1.244	20.048	55.660	75.708
2011	5.520	4.178	738	8.894	1.195	20.525	55.242	75.767
2012	5.730	4.098	795	10.155	1.364	22.142	54.254	76.396
2013	5.262	4.230	788	10.520	1.241	22.041	53.852	75.893
Total 80/13	190.806	205.800	21.017	207.438	64.566	689.627	3.813.555	4.503.182
Δ % 80/90	24,3	15,0	-7,5	174,2	-51,3	22,4	-45,6	-41,0
Δ % 90/00	-13,3	-16,0	36,5	62,5	31,2	9,0	-28,9	-23,6
Δ % 00/10	5,9	-35,1	16,4	6,8	-36,3	-8,6	-37,1	-31,4
Δ % 10/13	-3,6	7,0	11,1	21,1	-0,2	9,9	-3,2	0,2
Δ % 80/13	10,0	-33,0	63,5	476,4	-59,4	33,9	-76,4	-69,0

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 2.2. Evolução das taxas de óbito (em 100 mil) de crianças e adolescentes (0 a 19 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.

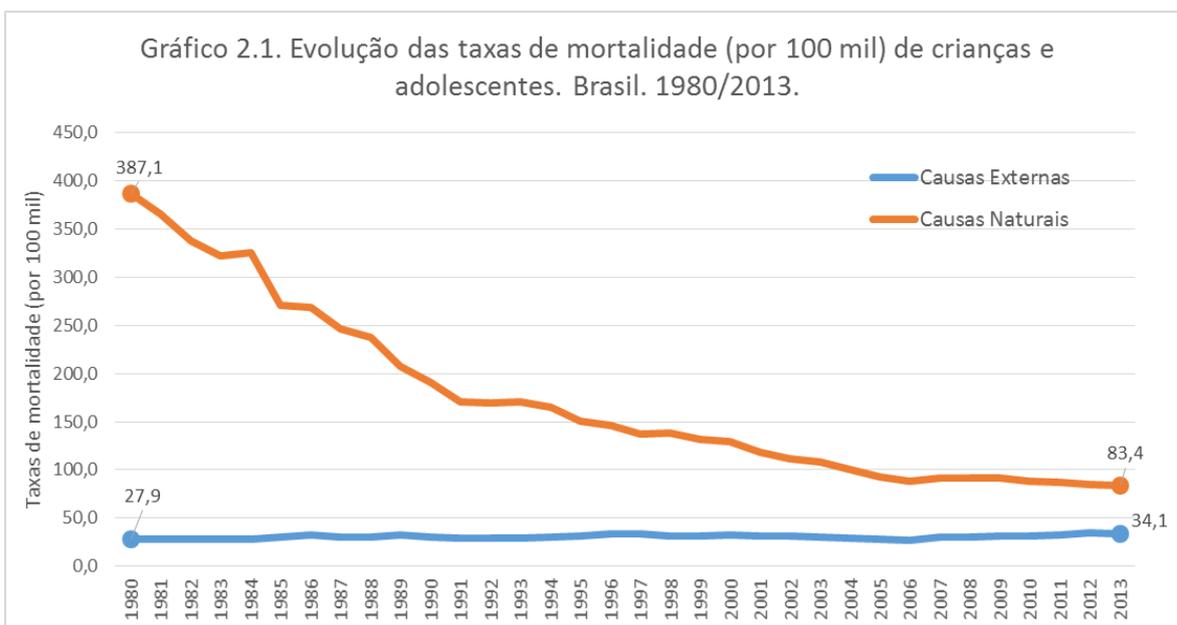
Ano	Causas Externas						Causas Naturais	Total óbitos 0 a 19 anos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídio	Homicídio	Outras Externas	Causas Externas		
1980	8,1	10,7	0,8	3,1	5,2	27,9	387,1	415,0
1981	8,1	11,0	1,0	3,2	4,5	27,9	365,0	392,9
1982	8,7	10,8	0,8	3,2	4,2	27,6	337,5	365,1
1983	7,9	12,2	0,9	3,7	3,3	28,0	321,7	349,7
1984	8,5	11,6	0,7	4,2	3,5	28,5	325,1	353,6
1985	9,4	11,8	0,7	4,7	3,9	30,4	271,3	301,6
1986	10,6	11,8	0,7	5,0	4,4	32,5	269,0	301,6
1987	9,2	11,2	0,7	5,4	4,0	30,5	245,9	276,3
1988	9,3	11,1	0,6	5,3	4,3	30,6	236,9	267,5
1989	9,7	11,4	0,7	6,9	3,9	32,6	207,9	240,5
1990	9,1	11,1	0,7	7,7	2,3	30,8	190,4	221,2
1991	8,8	10,7	0,7	7,1	2,3	29,7	170,2	199,9
1992	8,5	10,5	0,7	6,4	2,7	28,9	169,7	198,5
1993	8,5	10,4	0,8	7,0	2,8	29,5	170,2	199,7
1994	8,8	10,5	0,9	7,5	3,1	30,8	164,6	195,4
1995	9,2	10,5	0,9	8,5	2,4	31,5	150,5	182,0
1996	10,3	11,0	1,1	9,3	2,5	34,2	146,3	180,5
1997	9,7	10,3	1,0	9,9	2,3	33,2	137,7	170,9
1998	8,2	8,9	1,0	10,5	3,2	31,8	137,9	169,7
1999	8,0	9,1	0,9	10,6	2,5	31,2	131,4	162,6
2000	7,6	8,9	0,9	11,9	2,9	32,2	129,7	161,9
2001	7,6	7,7	1,2	12,2	2,5	31,1	118,7	149,8
2002	7,9	7,8	1,1	12,6	2,6	31,9	111,5	143,4
2003	7,5	7,1	1,1	12,4	2,2	30,3	108,3	138,6
2004	7,7	6,9	1,0	11,5	2,3	29,4	100,7	130,1
2005	7,3	6,7	1,0	11,3	2,1	28,4	92,8	121,2
2006	7,2	6,3	1,0	11,2	1,8	27,4	87,7	115,1
2007	8,1	6,6	1,1	12,1	2,4	30,3	91,7	122,0
2008	8,1	6,5	1,1	12,7	2,4	30,8	91,2	122,0
2009	7,7	6,6	1,1	13,0	2,6	30,9	91,1	122,0
2010	8,7	6,3	1,1	13,8	2,0	31,9	88,5	120,3
2011	8,7	6,6	1,2	14,0	1,9	32,3	87,0	119,4
2012	8,9	6,4	1,2	15,9	2,1	34,6	84,7	119,3
2013	8,1	6,6	1,2	16,3	1,9	34,1	83,4	117,5
Δ % 80/90	12,4	3,9	-16,4	147,8	-56,0	10,6	-50,8	-46,7
Δ % 90/00	-17,0	-19,6	30,7	55,6	25,6	4,3	-31,9	-26,8
Δ % 00/10	14,7	-29,7	26,2	15,8	-31,0	-1,0	-31,8	-25,7
Δ % 10/13	-6,0	4,3	8,3	18,0	-2,8	7,1	-5,7	-2,3
Δ % 80/13	0,6	-38,7	49,4	426,9	-62,9	22,4	-78,5	-71,7

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

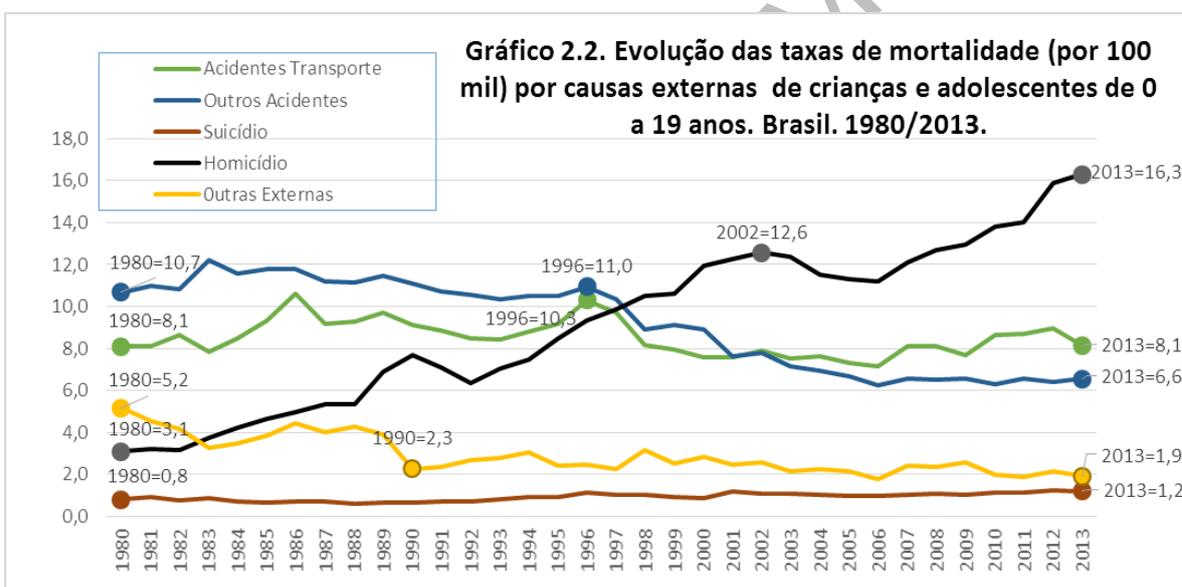
Tabela 2.3. Participação (%) das causas no total de óbitos de crianças e adolescentes (0 a 19 anos). Brasil. 1980/2013.

Ano	% Causas Externas						% Causas Naturais	% Total óbitos 0 a 19 anos
	% Acidentes Transporte	% Outros Acidentes	% Suicídios	% Homicídios	% Outras Externas	% Causas Externas		
1980	2,0	2,6	0,2	0,7	1,2	6,7	93,3	100,0
1981	2,1	2,8	0,2	0,8	1,2	7,1	92,9	100,0
1982	2,4	3,0	0,2	0,9	1,1	7,6	92,4	100,0
1983	2,3	3,5	0,3	1,1	0,9	8,0	92,0	100,0
1984	2,4	3,3	0,2	1,2	1,0	8,1	91,9	100,0
1985	3,1	3,9	0,2	1,6	1,3	10,1	89,9	100,0
1986	3,5	3,9	0,2	1,7	1,5	10,8	89,2	100,0
1987	3,3	4,1	0,3	1,9	1,5	11,0	89,0	100,0
1988	3,5	4,2	0,2	2,0	1,6	11,4	88,6	100,0
1989	4,0	4,8	0,3	2,9	1,6	13,6	86,4	100,0
1990	4,1	5,0	0,3	3,5	1,0	13,9	86,1	100,0
1991	4,4	5,4	0,4	3,5	1,2	14,9	85,1	100,0
1992	4,3	5,3	0,4	3,2	1,4	14,5	85,5	100,0
1993	4,2	5,2	0,4	3,5	1,4	14,8	85,2	100,0
1994	4,5	5,4	0,5	3,8	1,6	15,8	84,2	100,0
1995	5,1	5,8	0,5	4,7	1,3	17,3	82,7	100,0
1996	5,7	6,1	0,6	5,2	1,4	19,0	81,0	100,0
1997	5,7	6,0	0,6	5,8	1,3	19,4	80,6	100,0
1998	4,8	5,3	0,6	6,2	1,9	18,7	81,3	100,0
1999	4,9	5,6	0,6	6,5	1,6	19,2	80,8	100,0
2000	4,7	5,5	0,6	7,4	1,8	19,9	80,1	100,0
2001	5,1	5,1	0,8	8,2	1,6	20,8	79,2	100,0
2002	5,5	5,4	0,8	8,8	1,8	22,2	77,8	100,0
2003	5,4	5,2	0,8	8,9	1,6	21,8	78,2	100,0
2004	5,9	5,3	0,8	8,9	1,7	22,6	77,4	100,0
2005	6,1	5,5	0,8	9,3	1,8	23,4	76,6	100,0
2006	6,2	5,4	0,9	9,7	1,6	23,8	76,2	100,0
2007	6,6	5,4	0,9	9,9	2,0	24,8	75,2	100,0
2008	6,6	5,3	0,9	10,4	2,0	25,3	74,7	100,0
2009	6,3	5,4	0,9	10,6	2,1	25,3	74,7	100,0
2010	7,2	5,2	0,9	11,5	1,6	26,5	73,5	100,0
2011	7,3	5,5	1,0	11,7	1,6	27,1	72,9	100,0
2012	7,5	5,4	1,0	13,3	1,8	29,0	71,0	100,0
2013	6,9	5,6	1,0	13,9	1,6	29,0	71,0	100,0
Δ % 80/90	110,8	95,0	56,9	364,9	-17,5	107,5	-7,7	
Δ % 90/00	13,4	9,9	78,7	112,7	71,6	42,6	-6,9	
Δ % 00/10	54,4	-5,4	69,8	55,7	-7,1	33,2	-8,2	
Δ % 10/13	-3,8	6,7	10,9	20,8	-0,5	9,7	-3,5	
Δ % 80/13	255,1	116,4	427,6	1760,4	30,9	332,3	-23,9	

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

As tabelas 2.4 e 2.5, a seguir, focalizam a evolução histórica da mortalidade por causas violentas de adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Vemos que é essa faixa etária que puxa os dados do conjunto para cima, fundamentalmente no capítulo de homicídios.

Efetivamente, nos quantitativos na faixa de 16 e 17 anos de idade:

- os acidentes de transporte passam de 661 em 1980 para 1.136 em 2013, o que representa um aumento de 71,9%;
- os suicídios, de 156 para 282, aumento de 80,8%;
- já os homicídios passam de 506 para 3.749, aumento de **640,9%**.

Observamos nas taxas o mesmo fenômeno da centralidade dos homicídios no incremento histórico da mortalidade na faixa dos 16 e 17 anos de idade, onde se desconta dos número brutos o efeito do incremento da população.

Neste caso, o crescimento dos acidentes de transporte no período 1980/2013 foi de 38,3%, o dos suicídios de 45,5% e o dos homicídios de 496,4%, que praticamente sextuplicam a taxa nesse período.

Tabela 2.4. Evolução dos números e das taxas de óbito (em 100 mil) de adolescentes (16 e 17 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.

Ano	Número de óbitos			Taxas (por 100 mil)		
	Trans- porte	Sui- cídio	Homi- cídio	Trans- porte	Sui- cídio	Homi- cídio
1980	661	156	506	11,9	2,8	9,1
1985	800	121	901	13,8	2,1	15,5
1990	860	139	1583	14,3	2,3	26,2
1995	1053	194	1898	15,8	2,9	28,4
2000	955	195	2719	13,3	2,7	37,9
2005	1040	222	2870	13,4	2,9	36,8
2010	1101	205	3033	16,2	3,0	44,7
2013	1136	282	3749	16,4	4,1	54,1
Δ% 80/13	71,9	80,8	640,9	38,3	45,5	496,4

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

A Tabela 2.5 retoma os mesmos números, mas os relaciona com o total de jovens de 16 e 17 anos de idade (coluna: Total) que morreram por qualquer causa, isto é, o total de mortes de jovens de 16 e 17 anos de idade nesse período.

Observamos que, em 1980, o vilão da história eram os acidentes de transporte, que ceifavam a vida de 12,7% do total de mortes nesse ano. Os suicídios representavam 3% e os homicídios 9,7%. Entre 1980 e 2013, a participação cresceu:

- nos acidentes de transporte, de 12,7% para 13,9%, aumento de 9,7%;
- nos suicídios, de 3% para 3,5%, aumento de 15,4%;
- já a participação dos homicídios no total de óbitos pula de 9,7% para 46%, crescimento de 372,9%.

Os homicídios, no caso de jovens de 16 e 17 anos de idade, representam, nos dias de hoje, quase a metade da mortalidade nessa faixa e, pelo que é possível observar a partir da sequência histórica, a tendência é aumentar mais ainda no futuro.

Tabela 2.5. Evolução do número e da participação (%) no total de óbitos de adolescentes (16 e 17 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.

Ano	Número de óbitos				Participação %		
	Trans- porte	Sui- cídio	Homi- cídio	Total	Trans- porte	Sui- cídio	Homi- cídio
1980	661	156	506	5.204	12,7	3,0	9,7
1985	800	121	901	5.526	14,5	2,2	16,3
1990	860	139	1.583	6.145	14,0	2,3	25,8
1995	1.053	194	1.898	6.830	15,4	2,8	27,8
2000	955	195	2.719	7.186	13,3	2,7	37,8
2005	1.040	222	2.870	7.117	14,6	3,1	40,3
2010	1.101	205	3.033	7.087	15,5	2,9	42,8
2013	1.136	282	3.749	8.153	13,9	3,5	46,0
Δ% 80/13	71,9	80,8	640,9	56,7	9,7	15,4	372,9

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Na contramão da realidade, inclusive a do Brasil, onde a história recente marca decisivos avanços na esperança de vida da população, ao observar a evolução da violência homicida na faixa de 16 e 17 anos de idade, as previsões são sombrias e preocupantes. Se não houver mediação de ações concretas que possibilitem reverter o quadro, deveremos ter a seguinte evolução dos homicídios⁹ na faixa dos 16 e 17 anos de idade:

- 2015: 3.816 homicídios;
- 2020: 4.284 homicídios;
- 2025: 4.751 homicídios;
- 2030: 5.218 homicídios;
- 2035: 5.686 homicídios;
- 2040: 6.153 homicídios.

Se hoje a situação vital desses jovens já é grave e preocupante, não vemos muita perspectiva de melhora num futuro imediato.

⁹ Previsão pelo método dos mínimos quadrados com os dados de número de homicídios da Tabela 2.4.

3. CARACTERIZAÇÃO DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO DE 16 E 17 ANOS

3.1. Homicídios por idades simples

As tabelas e gráficos, a seguir, detalham os dados de homicídios de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade correspondentes ao ano de 2013, segundo as idades simples das vítimas.

Tabela 3.1.1. Mortalidade de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade segundo causa e idade simples. Brasil. 2013.

Idade Simples	Causas Externas					Causas Externas	Causas Naturais	Total Óbitos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros Externos			
0	118	735	0	152	133	1.138	37.828	38.966
1	103	344	0	39	52	538	2.249	2.787
2	88	223	0	26	25	362	1.140	1.502
3	90	143	0	21	16	270	859	1.129
4	88	134	0	15	23	260	659	919
5	96	115	0	23	8	242	551	793
6	95	104	0	23	15	237	505	742
7	96	103	0	10	5	214	508	722
8	108	90	1	23	9	231	471	702
9	119	103	2	21	8	253	511	764
10	98	114	6	31	20	269	469	738
11	120	105	9	23	14	271	533	804
12	131	129	17	64	27	368	584	952
13	178	134	36	171	37	556	668	1.224
14	227	182	51	428	50	938	769	1.707
15	347	248	67	895	90	1.647	907	2.554
16	467	262	131	1.534	125	2.519	1.042	3.561
17	669	258	151	2.215	160	3.453	1.139	4.592
18	955	353	151	2.336	216	4.011	1.167	5.178
19	1.069	351	166	2.470	208	4.264	1.293	5.557
Total	5.262	4.230	788	10.520	1.241	22.041	53.852	75.893

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Vemos que nesse ano foi registrado um total de 75.893 mortes considerando todas e qualquer causa. Mais da metade, cerca de 38.966, isto é, 51,3% foram crianças com menos de 1 ano de idade.

Tabela 3.1.2. Participação (%) das diversas causas de mortalidade de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos por idade simples. Brasil. 2013.

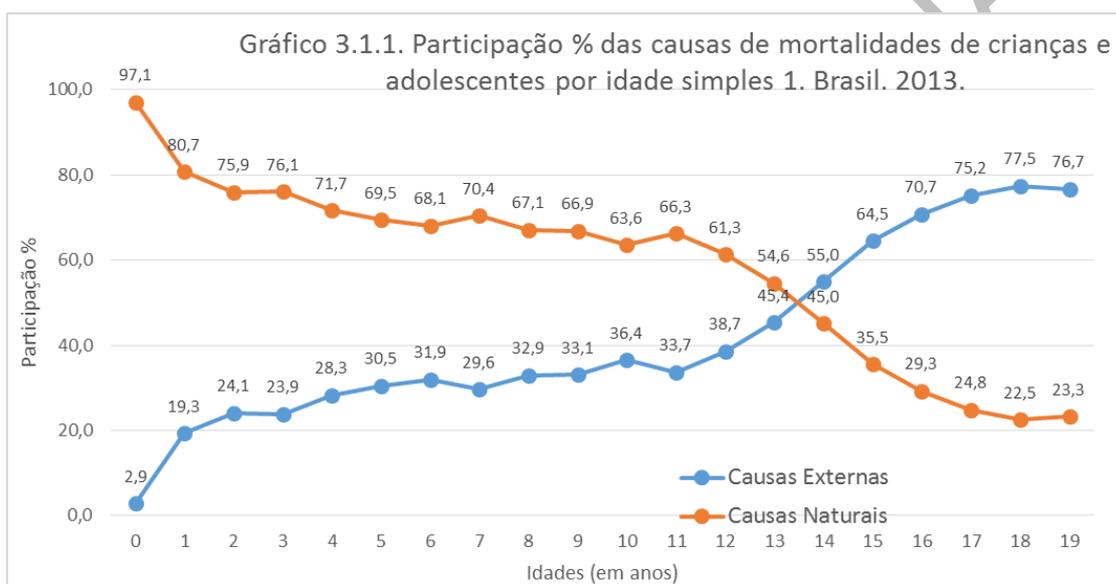
Idade Simples	Causas Externas					Causas Externas	Causas Naturais	Total Óbitos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros Externos			
0	0,3	1,9	0,0	0,4	0,3	2,9	97,1	100,0
1	3,7	12,3	0,0	1,4	1,9	19,3	80,7	100,0
2	5,9	14,8	0,0	1,7	1,7	24,1	75,9	100,0
3	8,0	12,7	0,0	1,9	1,4	23,9	76,1	100,0
4	9,6	14,6	0,0	1,6	2,5	28,3	71,7	100,0
5	12,1	14,5	0,0	2,9	1,0	30,5	69,5	100,0
6	12,8	14,0	0,0	3,1	2,0	31,9	68,1	100,0
7	13,3	14,3	0,0	1,4	0,7	29,6	70,4	100,0
8	15,4	12,8	0,1	3,3	1,3	32,9	67,1	100,0
9	15,6	13,5	0,3	2,7	1,0	33,1	66,9	100,0
10	13,3	15,4	0,8	4,2	2,7	36,4	63,6	100,0
11	14,9	13,1	1,1	2,9	1,7	33,7	66,3	100,0
12	13,8	13,6	1,8	6,7	2,8	38,7	61,3	100,0
13	14,5	10,9	2,9	14,0	3,0	45,4	54,6	100,0
14	13,3	10,7	3,0	25,1	2,9	55,0	45,0	100,0
15	13,6	9,7	2,6	35,0	3,5	64,5	35,5	100,0
16	13,1	7,4	3,7	43,1	3,5	70,7	29,3	100,0
17	14,6	5,6	3,3	48,2	3,5	75,2	24,8	100,0
18	18,4	6,8	2,9	45,1	4,2	77,5	22,5	100,0
19	19,2	6,3	3,0	44,4	3,7	76,7	23,3	100,0
Total	6,9	5,6	1,0	13,9	1,6	29,0	71,0	100,0

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

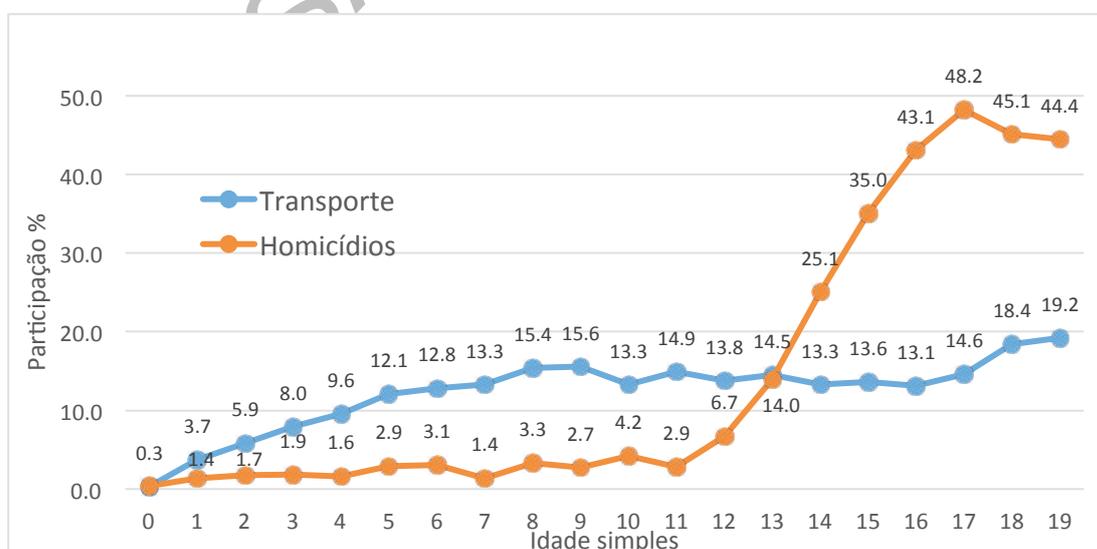
Se no primeiro ano de vida as mortes por causas naturais representam a quase totalidade (97,1% do total de óbitos), essa proporção vai caindo rapidamente até os 14 anos de idade, em que as causas externas ultrapassam as naturais, alcançando seu pico aos 18 anos, onde as causas externas

representam 77,5% do total de mortes de jovens nessa faixa etária no ano de 2013.

A principal responsável por esse incremento drástico nas causas externas são os homicídios que, representando algo em torno de 2,5% do total de mortes até os 11 anos de idade das crianças, começa um íngreme crescimento na entrada da adolescência, quando pula para 6,7% do total de mortes aos 12 anos de idade; para 14,0% aos 13; para 25,1% aos 14 e assim seguindo, até alcançar seu pico de participação aos 17 anos de idade, quando atinge a marca de 48,2% na participação da mortalidade nessa idade, caindo a participação percentual posteriormente.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



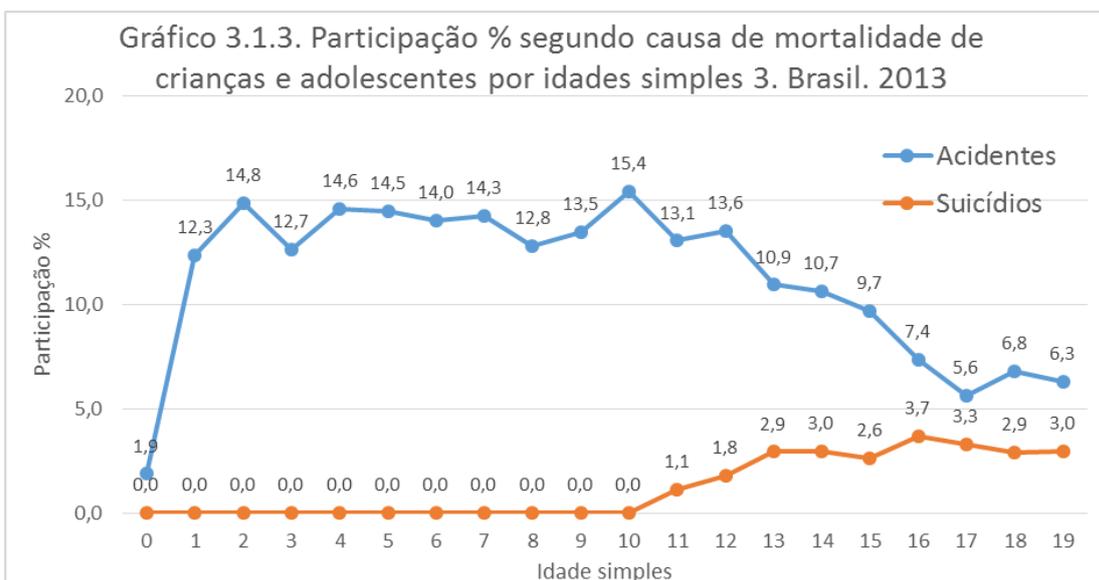
Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 3.1.3. Taxas (por 100 mil) de mortalidade de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos segundo causa e idades simples. Brasil. 2013.

Idade Simples	Causas Externas					Causas Externas	Causas Naturais	Total Óbitos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros Externos			
0	4,7	29,0	0,0	6,0	5,3	44,9	1493,4	1538,4
1	4,0	13,4	0,0	1,5	2,0	20,9	87,4	108,3
2	3,4	8,6	0,0	1,0	1,0	13,9	43,8	57,7
3	3,3	5,2	0,0	0,8	0,6	9,8	31,1	40,8
4	3,2	4,8	0,0	0,5	0,8	9,4	23,8	33,1
5	3,5	4,2	0,0	0,8	0,3	8,7	19,9	28,6
6	3,2	3,5	0,0	0,8	0,5	8,1	17,2	25,3
7	3,2	3,5	0,0	0,3	0,2	7,2	17,2	24,4
8	3,4	2,9	0,0	0,7	0,3	7,3	15,0	22,3
9	3,7	3,2	0,1	0,6	0,2	7,8	15,7	23,5
10	3,3	3,9	0,2	1,0	0,7	9,1	15,9	25,0
11	3,9	3,4	0,3	0,7	0,5	8,7	17,2	25,9
12	4,0	3,9	0,5	2,0	0,8	11,2	17,8	29,1
13	4,9	3,7	1,0	4,7	1,0	15,2	18,2	33,4
14	6,4	5,2	1,4	12,1	1,4	26,6	21,8	48,4
15	9,8	7,0	1,9	25,2	2,5	46,4	25,6	72,0
16	13,0	7,3	3,6	42,7	3,5	70,2	29,0	99,2
17	19,1	7,4	4,3	63,4	4,6	98,8	32,6	131,4
18	26,5	9,8	4,2	64,7	6,0	111,1	32,3	143,5
19	32,7	10,7	5,1	75,6	6,4	130,5	39,6	170,0
Total	8,4	6,8	1,3	16,9	2,0	35,4	86,4	121,7

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Essa queda na participação percentual, aos 18 e 19 anos de idade, não se deve a uma diminuição dos índices de homicídio. É explicada pelo fato que, a partir dos 14 ou 15 anos de idade entra na disputa o crescimento das mortes em acidentes de transporte, cujas taxas se tornam bem relevantes a partir dos 16 anos de idade, como pode ser observado na Tabela 3.1.3.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Na faixa de 16 anos de idade, uma de nossas preocupações, foram registradas 3.561 mortes: 2.519 (70,7%) por causas externas e 1.042 (29,3%) por causas naturais. Em razão do crescimento da participação dos homicídios com o avanço etário, nos jovens de 16 anos essa causa já representa **43,1% do total de mortes acontecidas em 2013**.

Com os jovens de 17 anos de idade, a situação é mais preocupante ainda. Em 2013 morreu um total de 4.592 jovens de essa idade; 3.453 (75,2%) por causas externas e 1.139 (24,8%) por causas naturais. Aqui os homicídios foram 2.215: **48,2%. Praticamente a metade das mortes dos jovens de 17 anos de idade foi por homicídio**.

Juntando ambas, 16 e 17 anos de idade, que são objeto direto da atual controvérsia em função das discussões sobre a maioridade penal, temos o seguinte panorama:

Tabela 3.1.4. Óbitos, participação (%) e taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2013.

Item	Causas Externas					Causas Externas	Causas Naturais	Total Óbitos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros Externos			
Óbitos	1.136	520	282	3.749	285	5.972	2.181	8.153
Partic. %	13,9	6,4	3,5	46,0	3,5	73,2	26,8	100,0
Taxas	16,4	7,5	4,1	54,1	4,1	86,2	31,5	117,7

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Em 2013 foi registrado um total de 8.153 mortes de adolescentes de 16 e 17 anos de idade; 73,2% por causas externas e 26,8% por causas naturais.

Entre as mortes por causas externas, apresentam especial incidência os homicídios, que ceifaram a vida de 3.749 jovens. Isto representa 46% do total de mortes ocorridas nessa faixa, quase a metade do total de mortes. Temos cerca de 10,3 adolescentes mortos a cada dia de 2013.

A Tabela 3.1.5 e o Gráfico 3.1.4, a seguir, permitem analisar a distribuição geográfica desses homicídios na faixa de 16 e 17 anos de idade, tanto em números absolutos quanto as taxas por 100 mil adolescentes.

As regiões Nordeste e Centro-Oeste assumem especial destaque pelas elevadas taxas de homicídio que ostentam: 73,3 e 65,3 por 100 mil adolescentes, respectivamente.

No Nordeste, os estados de Alagoas, Ceará e Rio Grande do Norte são os que pressionam para cima as taxas regionais. No Centro-Oeste, o Distrito Federal e Goiás.

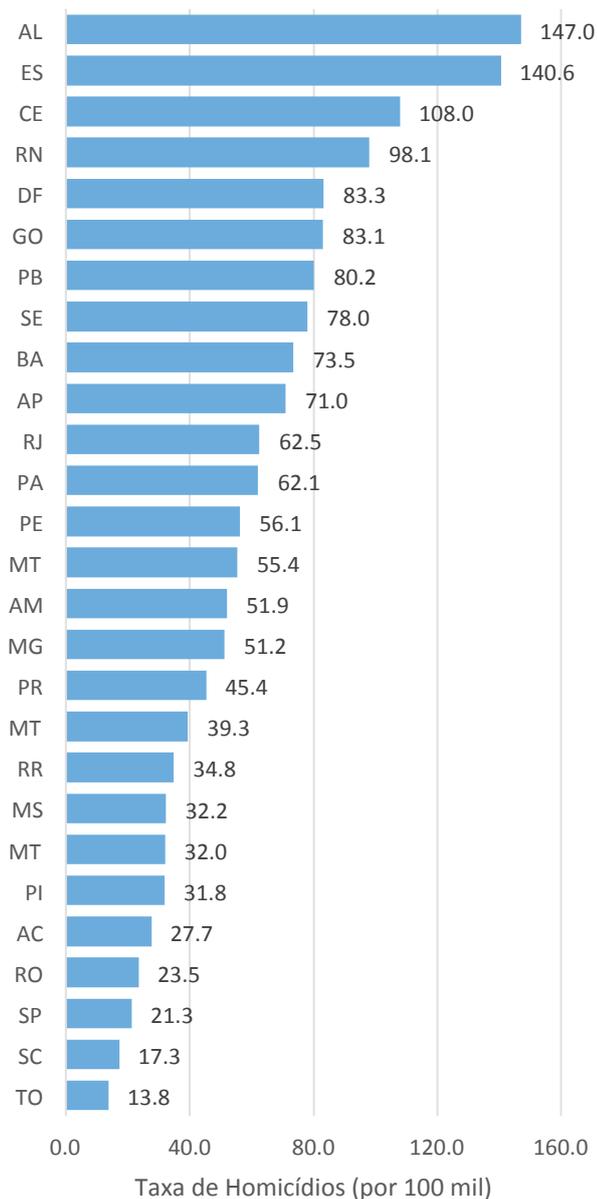
As menores taxas são encontradas em Tocantins, Santa Catarina e São Paulo. Ainda assim, a menor taxa do país, a de Tocantins, com 11,4 homicídios por 100 mil adolescentes de 16 e 17 anos, pode ser considerada muito elevada, ultrapassando o patamar considerado epidêmico de 10 homicídios por 100 mil.

Tabela 3.1.5. Óbitos e taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil. 2013.

UF/Região	Óbitos	Taxas
Acre	9	27,7
Amapá	22	71,0
Amazonas	79	51,9
Pará	204	62,1
Rondônia	15	23,5
Roraima	7	34,8
Tocantins	8	13,8
Norte	344	50,2
Alagoas	189	147,0
Bahia	393	73,5
Ceará	373	108,0
Maranhão	110	39,3
Paraíba	116	80,2
Pernambuco	187	56,1
Piauí	39	31,8
Rio Grande do Norte	117	98,1
Sergipe	64	78,0
Nordeste	1.588	76,0
Espírito Santo	171	140,6
Minas Gerais	359	51,2
Rio de Janeiro	323	62,5
São Paulo	283	21,3
Sudeste	1.136	42,6
Paraná	173	45,4
Rio Grande do Sul	115	32,2
Santa Catarina	39	17,3
Sul	327	33,9
Distrito Federal	76	83,3
Goiás	183	83,1
Mato Grosso	65	55,4
Mato Grosso do Sul	30	32,0
Centro-Oeste	354	67,7
BRASIL	3.749	54,1

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Gráfico 3.1.4. Taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil. 2013



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

3.2. Sexo das vítimas

Na faixa etária de 16 e 17 anos de idade, a distribuição por sexo das vítimas é semelhante à observada em idades mais adultas: a larga

preponderância das vítimas do sexo masculino que, nacionalmente, representam 93% do total de vítimas no ano.

Tabela 3.2. Homicídios de adolescentes de 16 e 17 anos, segundo sexo e UF. Brasil. 2013.

UF	Masc	Fem	% Masc
Amapá	22	0	100,0
Amazonas	77	2	97,5
Pará	196	8	96,1
Distrito Federal	73	3	96,1
Espírito Santo	164	7	95,9
Alagoas	181	8	95,8
Maranhão	105	5	95,5
Rio de Janeiro	307	16	95,0
Goiás	173	10	94,5
Pernambuco	176	11	94,1
Mato Grosso	61	4	93,8
Ceará	350	23	93,8
Mato Grosso do Sul	28	2	93,3
Rondônia	14	1	93,3
Brasil	3485	264	93,0
Bahia	364	29	92,6
Piauí	36	3	92,3
Rio Grande do Norte	108	9	92,3
Paraíba	107	9	92,2
Sergipe	59	5	92,2
São Paulo	256	27	90,5
Minas Gerais	324	35	90,3
Rio Grande do Sul	103	12	89,6
Tocantins	7	1	87,5
Paraná	151	22	87,3
Santa Catarina	31	8	79,5
Acre	7	2	77,8
Roraima	5	2	71,4

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Com variabilidade moderada, observamos unidades onde preponderam de forma quase exclusiva os homicídios masculinos, como no Amapá, Amazonas, Pará e Distrito Federal, cujos índices de mortalidade masculina ultrapassam a casa de 96% do total de homicídios.

No outro extremo, em Santa Catarina, Acre e Roraima, a participação masculina cai para menos de 80%.

3.3. A cor dos homicídios

Nossa fonte para estimar a população por raça ou cor para o cálculo das taxas são as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs), do IBGE, que coletam esse dado numa amostra nacional, com representatividade por UF e por autoclassificação do entrevistado, que deve escolher uma entre cinco opções: *Branca, Preta, Parda, Amarela* ou *Indígena*.

No quesito raça/cor, o SIM, do Ministério da Saúde, que centraliza as informações das declarações de óbito, acompanha a classificação proposta pelo IBGE, com as cinco categorias acima mencionadas. Para esquematizar as análises, a seguir, utilizaremos só duas categorias: *Branco* e *Negro*, esta última resultante do somatório de *Pretos* e *Pardos*¹⁰.

Pelas tabelas e gráficos seguintes podemos verificar que, em 2013:

- na faixa de 0 a 17 anos de idade, morreram vítimas de homicídio 1.127 crianças e adolescentes *brancos* e 4.064 *negros*;
- 703 dos brancos (62,4%) e 2.737 dos negros (67,3%) tinham 16 e 17 anos de idade;
- no conjunto da população de 0 a 17 anos de idade, a taxa de homicídios de *brancos* foi de 16,0 por 100 mil e a de *negros*, 17,0 por 100 mil. O índice de vitimização negra foi de 5,7%, isto é, proporcionalmente ao tamanho das respectivas populações, morreram 5,7% mais negros que brancos;
- mas quando se foca nos adolescentes de 16 e 17 anos, objeto da atual controvérsia, a taxa de homicídios de *brancos* foi de 24,2 por 100 mil. Já a taxa de adolescentes *negros* foi de 66,3 em 100 mil. A vitimização, neste caso, foi de **173,6%**. Proporcionalmente, morreram quase três vezes mais negros que brancos.

Discriminando os dados pelas UFs e Regiões do país, temos um panorama bem mais complexo, com enorme diversidade de situações bastante heterogêneas. Na faixa de 0 a 17 anos de idade, sintetizada nos gráficos 3.3.1 a 3.3.3:

- Paraná destaca-se do resto das UF por sua elevada taxa de homicídios de brancos: 61,4 por 100 mil;

¹⁰ Excluindo das análises as categorias indígena e amarelo, por significar menos de 1% do total da população, e também os registros de homicídio sem identificação de raça/cor, que em 2013 representavam 6,5% do total de homicídios.

Tabela 3.3.1. Homicídios por faixas etárias, UF/Região e cor das crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.

UF/Região	16 e 17		0 a 17	
	Branco	Negro	Branco	Negro
Acre	1	7	3	16
Amapá	4	16	6	26
Amazonas	5	72	6	103
Pará	11	184	23	273
Rondônia	6	9	10	20
Roraima	0	6	0	9
Tocantins	0	8	2	21
Norte	27	302	50	468
Alagoas	7	176	14	280
Bahia	17	364	30	561
Ceará	15	150	19	238
Maranhão	3	105	8	161
Paraíba	8	95	12	152
Pernambuco	11	169	18	229
Piauí	3	35	9	50
Rio Grande do Norte	16	91	27	122
Sergipe	1	63	4	80
Nordeste	81	1.248	141	1.873
Espírito Santo	22	140	34	216
Minas Gerais	70	277	112	379
Rio de Janeiro	73	249	111	354
São Paulo	126	155	202	225
Sudeste	291	821	459	1.174
Paraná	137	35	210	59
Rio Grande do Sul	79	33	130	50
Santa Catarina	33	6	49	9
Sul	249	74	389	118
Distrito Federal	6	69	8	114
Goiás	34	146	49	205
Mato Grosso	11	54	21	77
Mato Grosso do Sul	4	23	10	35
Centro-Oeste	55	292	88	431
BRASIL	703	2.737	1.127	4.064

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 3.3.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) segundo faixas etárias, UF/Região e cor das crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.

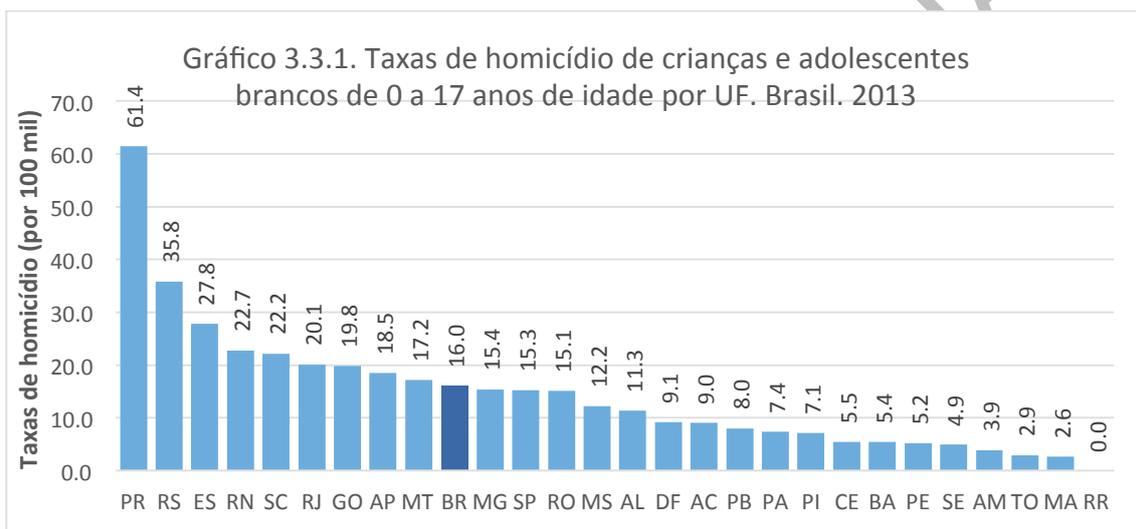
UF/Região	16 e 17 anos			0 a 17 anos		
	Branco	Negro	Vitim.%	Branco	Negro	Vitim.%
Acre	14,3	26,6	85,5	9,0	22,2	146,6
Amapá	46,0	67,3	46,3	18,5	39,5	114,1
Amazonas	14,3	60,9	325,2	3,9	33,4	754,2
Pará	15,8	75,8	379,3	7,4	48,3	556,1
Rondônia	27,1	20,4	-24,6	15,1	10,7	-29,3
Roraima	0,0	38,4		0,0	23,9	
Tocantins	0,0	14,8		2,9	18,5	547,4
Norte	16,6	57,6	246,9	7,3	34,7	377,1
Alagoas	21,4	193,8	805,2	11,3	99,3	775,5
Bahia	17,6	79,0	349,3	5,4	63,3	1075,9
Ceará	14,5	61,6	324,1	5,5	29,5	439,0
Maranhão	5,9	41,2	595,9	2,6	33,8	1188,0
Paraíba	16,2	94,3	482,5	8,0	36,1	352,1
Pernambuco	9,8	72,9	641,2	5,2	25,7	390,2
Piauí	14,2	33,0	132,1	7,1	19,2	171,1
Rio Grande do Norte	32,8	129,8	295,3	22,7	29,1	28,1
Sergipe	5,0	101,9	1926,3	4,9	45,2	824,3
Nordeste	15,2	77,0	408,0	6,5	40,5	519,4
Espírito Santo	50,7	177,6	250,4	27,8	60,0	115,8
Minas Gerais	24,5	62,8	156,2	15,4	17,0	10,4
Rio de Janeiro	29,7	81,3	174,1	20,1	19,7	-2,0
São Paulo	16,8	27,1	61,4	15,3	3,4	-77,6
Sudeste	22,0	58,7	167,4	16,9	10,7	-36,5
Paraná	61,1	29,8	-51,2	61,4	3,0	-95,1
Rio Grande do Sul	29,2	35,9	22,9	35,8	2,4	-93,4
Santa Catarina	17,8	17,1	-3,5	22,2	0,7	-97,0
Sul	36,6	30,3	-17,2	42,0	2,2	-94,8
Distrito Federal	16,6	134,1	709,2	9,1	36,4	299,1
Goiás	37,2	93,9	152,3	19,8	30,0	51,3
Mato Grosso	29,7	63,3	113,3	17,2	27,1	58,0
Mato Grosso do Sul	11,9	47,5	299,6	12,2	10,7	-12,5
Centro-Oeste	27,7	85,7	209,0	16,3	26,8	64,2
BRASIL	24,2	66,3	173,6	16,0	17,0	5,7

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

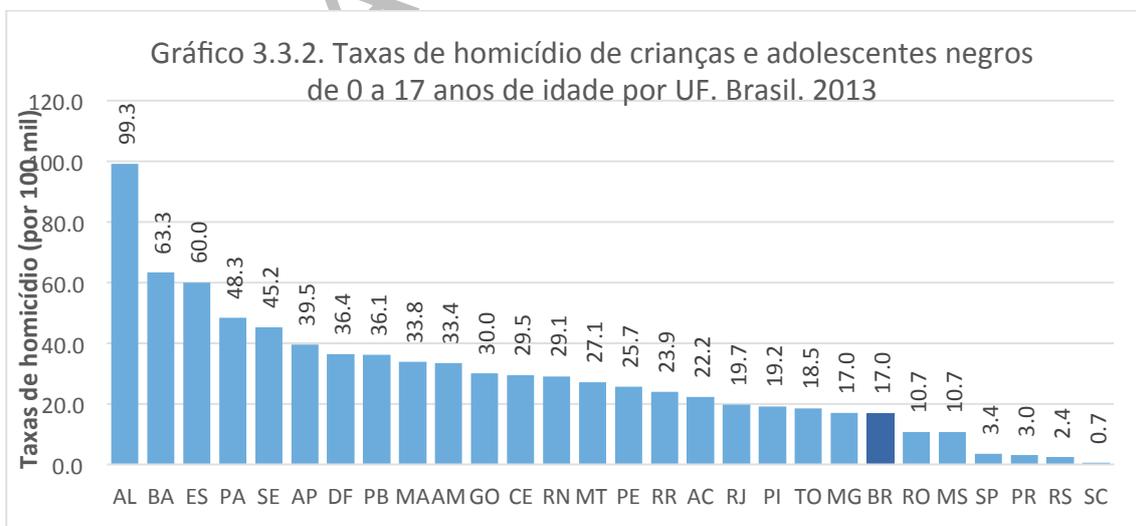
- no outro extremo da escala, Tocantins, Maranhão e Roraima, por suas taxas baixas ou nulas;

- focando nos homicídios de crianças e adolescentes negras, Alagoas apresenta taxas altamente preocupantes: 99,3 homicídios por 100 mil negros. Também Bahia e Espírito Santo se destacam com taxas na faixa de 60 por 100 mil.

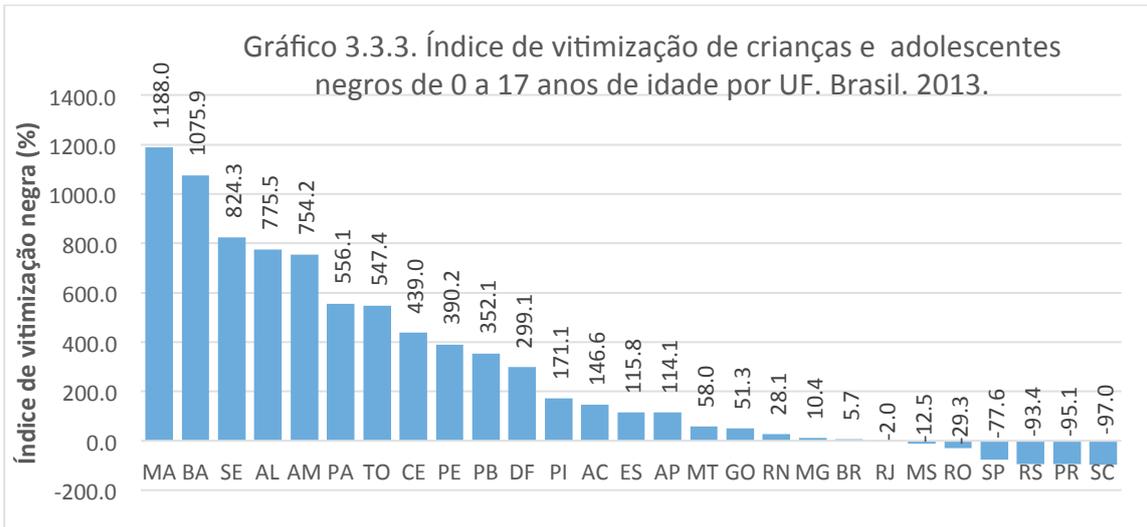
Esse diferencial nos leva aos índices de vitimização de negros, área na qual tem amplo destaque os estados nordestinos, como Maranhão, com um índice de 1188% (proporcionalmente morrem 13 negros por cada branco); Bahia, 1076% (12 negros por cada branco); Sergipe, 824% (9 negros por cada branco) e Alagoas, 775,5% (9 negros por cada branco).



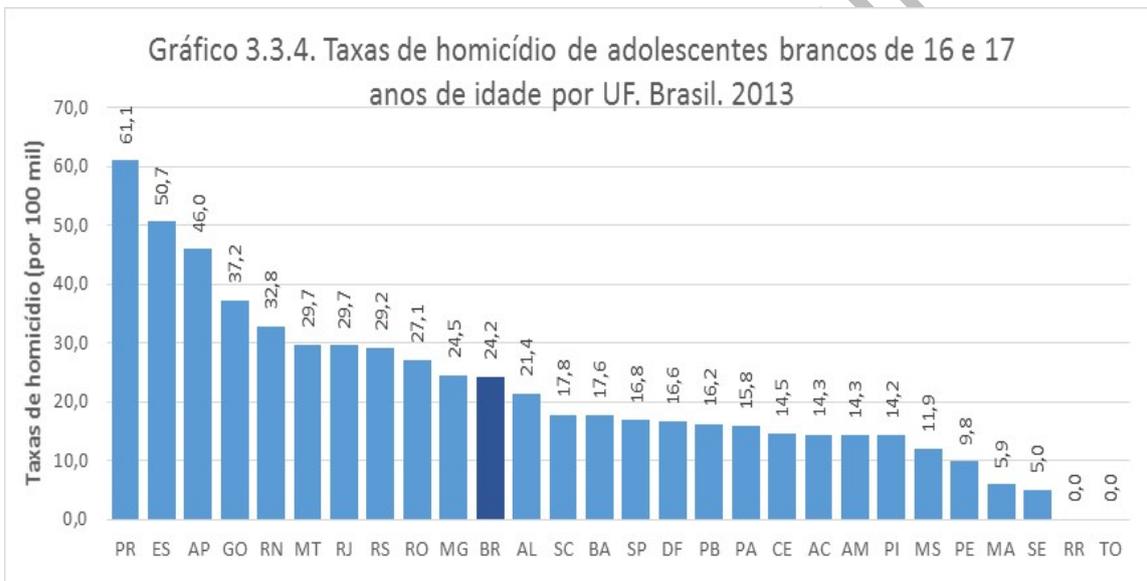
Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



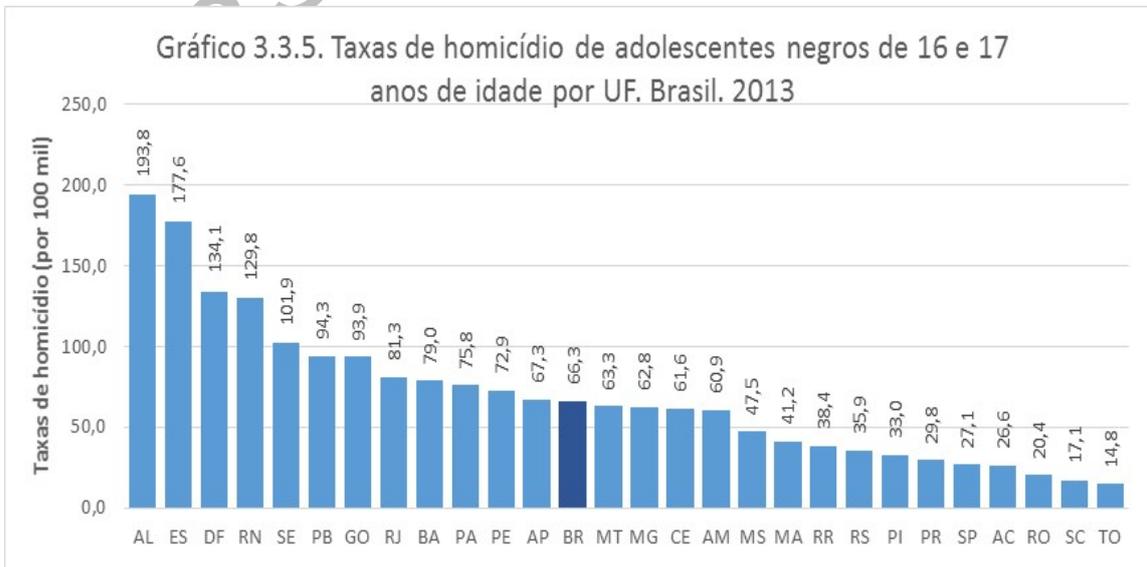
Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

O panorama muda radicalmente quando focamos os jovens de 16 e 17 anos de idade:

- o SIM registrou, em 2013, 703 homicídios de adolescentes brancos e 2.737 de negros. Essas duas idades simples concentram aproximadamente 2/3 do total da faixa de 0 a 17 anos de idade;
- a taxa de homicídio dos adolescentes brancos foi de 24,2 por 100 mil e a de negros de 66,3; o que determina um índice de vitimização global de 173,6%, bem distante dos 5,7% do índice global para a faixa de 0 a 17 anos de idade;
- Paraná e Espírito Santo encabeçam o *ranking* da violência homicida contra jovens brancos, com taxas que mais que duplicam a média nacional;
- no outro extremo, Roraima e Tocantins não têm registro de homicídios de brancos nessa faixa;
- para os adolescentes negros, Alagoas e Espírito Santo praticamente triplicam a média nacional de 66,3 homicídios por 100 mil adolescentes negros;
- ainda que ostentando as menores taxas nacionais, Santa Catarina e Tocantins, com 17 e 15 homicídios por 100 mil adolescentes negros, apresentam índices que podem ser considerados muito elevados;

- essa contraposição entre homicídios brancos e negros origina fortes contrastes, como o de Sergipe, onde o índice de vitimização negra atinge níveis absolutamente inaceitáveis: 1.926%, o que significa que, no estado, por cada adolescente branco assassinado, morrem 20 negros;
- com taxas de vitimização negativas, isto é, morrem proporcionalmente mais adolescentes brancos que negros, estão os estados de Santa Catarina, Rondônia e Paraná.

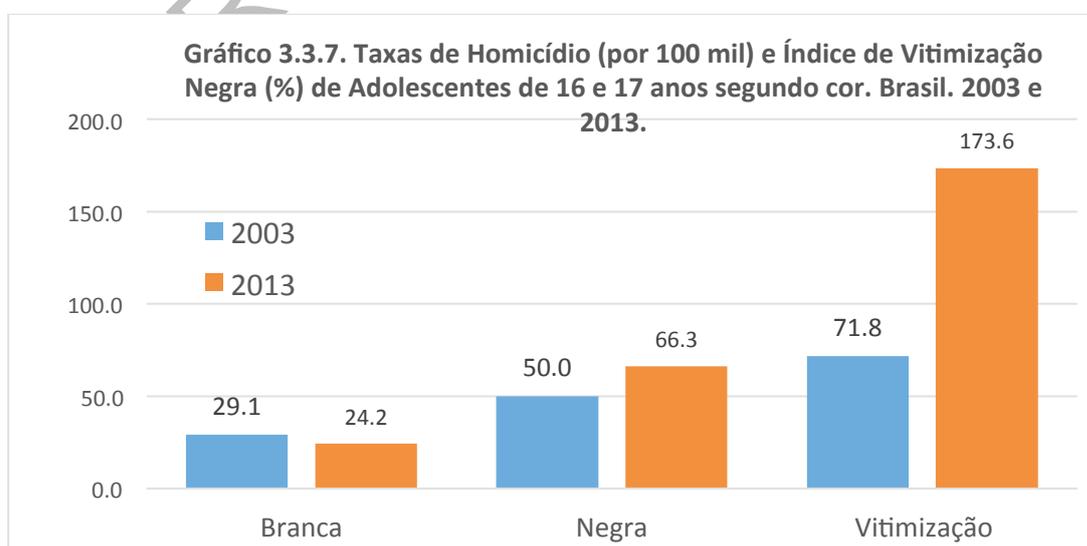
A Tabela 3.3.3 e o Gráfico 3.3.7 possibilitam analisar a evolução histórica 2003/2013 dos homicídios por cor e idades simples. Verificamos a existência de três situações altamente preocupantes:

- a. tanto na faixa ampla de 0 a 17 anos de idade quanto na mais restrita de 16 e 17 anos, os homicídios de brancos caem e os de negros aumentam;
- b. com isso, as diferenças se aprofundam no tempo. Se em 2003 o índice de vitimização negra rondava 70% (morrem, proporcionalmente, 70% mais negros que brancos), em 2013 essa vitimização mais que duplica: fica perto de 180% (por cada branco morrem 2,8 negros);
- c. nada indica um possível processo de reversão dessa vitimização negra, o que está evidenciando a insuficiência de políticas destinada a superar essa seletividade extrema por motivo de cor.

Tab. 3.3.3. Número e taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos por idades simples. Brasil, 2003 e 2013.

Idade	2003					2013					Crescimento (%) 2003/2013				
	Número		Taxas		Vitimi-zação	Número		Taxas		Vitimi-zação	Número		Taxas		Vitimi-zação
	Branco	Negro	Branco	Negro		Branco	Negro	Branco	Negro		Branco	Negro			
0	31	29	2,1	2,4	13,2	36	50	2,6	4,5	76,7	16,1	72,4	19,5	86,6	481,9
1	20	21	1,5	1,7	11,1	12	25	0,9	2,1	129,0	-40,0	19,0	-40,5	22,6	1064,5
2	6	14	0,4	1,0	132,6	11	15	0,9	1,1	25,6	83,3	7,1	114,1	15,6	-80,7
3	10	3	0,6	0,2	-69,4	10	11	0,8	0,8	-3,5	0,0	266,7	27,5	302,4	-95,0
4	9	8	0,6	0,5	-12,5	4	10	0,3	0,7	114,3	-55,6	25,0	-44,7	35,5	-1013,2
5	5	6	0,3	0,4	15,1	8	14	0,6	0,9	45,4	60,0	133,3	100,7	153,7	201,7
6	3	11	0,2	0,6	222,8	5	16	0,4	1,0	155,4	66,7	45,5	92,5	52,3	-30,3
7	8	8	0,5	0,5	-8,5	6	3	0,5	0,2	-62,0	-25,0	-62,5	-5,8	-60,9	625,8
8	8	14	0,5	0,8	57,3	3	20	0,2	1,1	370,1	-62,5	42,9	-54,5	36,1	546,4
9	11	9	0,7	0,5	-28,2	5	14	0,4	0,7	103,8	-54,5	55,6	-48,7	45,6	-467,9
10	6	21	0,4	1,2	215,6	8	21	0,7	1,2	88,3	33,3	0,0	68,4	0,5	-59,0
11	7	22	0,5	1,3	169,2	7	13	0,6	0,7	26,1	0,0	-40,9	18,2	-44,6	-84,6
12	22	26	1,4	1,6	9,1	16	45	1,2	2,3	86,4	-27,3	73,1	-14,7	45,8	851,5
13	36	87	2,4	5,0	106,2	29	122	2,0	5,6	186,3	-19,4	40,2	-18,2	13,5	75,4
14	100	175	6,3	10,1	61,3	92	306	6,5	14,6	125,2	-8,0	74,9	3,6	44,7	104,4
15	241	435	14,7	23,3	58,7	172	642	12,1	30,5	151,9	-28,6	47,6	-17,4	31,1	158,7
16	410	690	23,8	38,9	63,4	290	1.115	20,0	52,8	163,7	-29,3	61,6	-15,9	35,8	158,1
17	575	1.070	34,6	61,2	77,1	413	1.622	28,4	80,5	183,0	-28,2	51,6	-17,7	31,4	137,1
0/17	1.508	2.649	5,4	8,9	65,1	1.127	4.064	4,7	13,1	178,0	-25,3	53,4	-13,2	46,2	173,5
16/17	985	1.760	29,1	50,0	71,8	703	2.737	24,2	66,3	173,6	-28,6	55,5	-16,7	32,7	141,7

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

3.4. Os instrumentos utilizados

Neste item deveremos descrever os instrumentos ou meios utilizados para efetuar a agressão homicida. Apesar de não ser inteiramente correto, concebe-se que a utilização de arma de fogo para realizar uma agressão implica premeditação enquanto outras armas circunstanciais, crime por impulso.

Vemos, pelas tabelas a seguir, a larga preponderância das armas de fogo, que em 2013 estiveram presentes em:

- 78,2% dos homicídios de adolescentes de 0 a 17 anos de idade;
- 81,9% dos homicídios de 16 anos de idade;
- 84,1% dos homicídios de 17 anos de idade.

Observa-se aqui um forte crescimento da participação das armas de fogo com o avanço da idade das vítimas. No primeiro ano de vida, as armas de fogo participaram de 10,5% dos homicídios, e em 15,4% dos homicídios nas vítimas com 1 ano de idade completo. E assim, com intermitências, continua crescendo até atingir a marca de 84,1% aos 17 anos de idade.

O segundo meio em frequência de utilização são os objetos cortantes-penetrantes, mormente facas, utilizados em 10% dos homicídios em 2013, bem longe da frequência de uso de armas de fogo. Parece totalmente paradoxal que, no caso dos instrumentos cortantes-penetrantes (facas, estiletos, navalhas, flechas, etc.), utilizados em 10% dos homicídios, se discuta e aprove no legislativo a criminalização, via controle de seu porte, mas no caso das armas de fogo, que atuam em 78,2% dos homicídios de crianças e adolescentes, se amplie drasticamente seu porte e uso.

Nas Tabelas 3.4.3 e 3.4.4 verificamos a distribuição geográfica do uso dos diversos meios homicidas. Os Gráficos 3.4.1 e 3.4.2 ilustram a distribuição estadual dos dois principais instrumentos utilizados: as armas de fogo e os objetos cortantes-penetrantes.

O primeiro fato que chama a atenção é a enorme disparidade na utilização desses meios. No caso das armas de fogo, sua participação vai de 8,7% em Roraima até 92,1% em Alagoas. Extrema variabilidade.

Já no caso dos cortantes-penetrantes, mesmo com incidência menor, ainda oscila de 3% em Rio de Janeiro a 47,2% no Amapá.

Apesar da larga hegemonia das armas de fogo, em três UFs, todas da Região Norte, as cortantes-penetrantes se igualam ou superam.

Tabela 3.4.1. Número de homicídios segundo meio utilizado e idades simples de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.

Idade	Estrangulamento/Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
0	16	16	8	16	5	91	152
1	5	6	3	6	4	15	39
2	1	11	3	2	1	8	26
3	1	4	3	5	0	8	21
4	2	4	3	1	0	5	15
5	2	10	1	4	1	5	23
6	3	11	1	2	0	6	23
7	1	4	0	2	1	2	10
8	1	9	3	2	2	6	23
9	4	8	2	1	0	6	21
10	1	17	5	2	1	5	31
11	3	12	4	2	0	2	23
12	3	44	9	3	1	4	64
13	5	124	22	6	2	12	171
14	10	344	44	17	1	12	428
15	12	726	97	27	8	25	895
16	20	1257	145	52	8	52	1534
17	20	1863	216	49	11	56	2215
Total	110	4470	569	199	46	320	5714

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tab. 3.4.2. Participação (%) dos meios utilizados nos homicídios de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos por idades simples. Brasil. 2013.

Idade	Estrangulamento/Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
0	10,5	10,5	5,3	10,5	3,3	59,9	100,0
1	12,8	15,4	7,7	15,4	10,3	38,5	100,0
2	3,8	42,3	11,5	7,7	3,8	30,8	100,0
3	4,8	19,0	14,3	23,8	0,0	38,1	100,0
4	13,3	26,7	20,0	6,7	0,0	33,3	100,0
5	8,7	43,5	4,3	17,4	4,3	21,7	100,0
6	13,0	47,8	4,3	8,7	0,0	26,1	100,0
7	10,0	40,0	0,0	20,0	10,0	20,0	100,0
8	4,3	39,1	13,0	8,7	8,7	26,1	100,0
9	19,0	38,1	9,5	4,8	0,0	28,6	100,0
10	3,2	54,8	16,1	6,5	3,2	16,1	100,0
11	13,0	52,2	17,4	8,7	0,0	8,7	100,0
12	4,7	68,8	14,1	4,7	1,6	6,3	100,0
13	2,9	72,5	12,9	3,5	1,2	7,0	100,0
14	2,3	80,4	10,3	4,0	0,2	2,8	100,0
15	1,3	81,1	10,8	3,0	0,9	2,8	100,0
16	1,3	81,9	9,5	3,4	0,5	3,4	100,0
17	0,9	84,1	9,8	2,2	0,5	2,5	100,0
Total	1,9	78,2	10,0	3,5	0,8	5,6	100,0

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 3.4.3. Número de homicídios de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos segundo meio utilizado e UF/Região. Brasil. 2013.

UF/Região	Estrangulamento/Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
Acre	2	8	8	2	0	0	20
Amapá	2	13	17	3	0	1	36
Amazonas	5	69	29	3	3	29	138
Pará	6	219	60	10	2	10	307
Rondônia	4	17	5	0	0	4	30
Roraima	2	4	5	0	1	34	46
Tocantins	2	12	9	0	1	2	26
Norte	23	342	133	18	7	80	603
Alagoas	4	279	11	6	0	3	303
Bahia	5	520	46	10	3	27	611
Ceará	3	495	45	8	6	6	563
Maranhão	0	117	38	8	2	6	171
Paraíba	2	156	16	4	1	5	184
Pernambuco	8	205	28	13	0	8	262
Piauí	2	43	8	4	0	4	61
Rio Grande do Norte	0	144	11	4	0	2	161
Sergipe	0	67	12	0	1	4	84
Nordeste	24	2.026	215	57	13	65	2.400
Espírito Santo	3	240	11	5	0	3	262
Minas Gerais	11	420	33	23	2	16	505
Rio de Janeiro	10	355	14	6	3	79	467
São Paulo	17	297	33	39	9	36	431
Sudeste	41	1.312	91	73	14	134	1.665
Paraná	6	196	35	17	7	9	270
Rio Grande do Sul	4	145	15	8	0	13	185
Santa Catarina	3	42	9	1	1	2	58
Sul	13	383	59	26	8	24	513
Distrito Federal	3	101	18	0	0	2	124
Goiás	1	202	29	19	3	5	259
Mato Grosso	1	77	9	6	0	6	99
Mato Grosso do Sul	4	27	15	0	1	4	51
Centro-Oeste	9	407	71	25	4	17	533
Brasil	110	4.470	569	199	46	320	5.714

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 3.4.4. Participação (%) dos meios utilizados nos homicídios de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos segundo UF/Região. Brasil. 2013.

UF/Região	Estrangulamento/Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
Acre	10,0	40,0	40,0	10,0	0,0	0,0	100,0
Amapá	5,6	36,1	47,2	8,3	0,0	2,8	100,0
Amazonas	3,6	50,0	21,0	2,2	2,2	21,0	100,0
Pará	2,0	71,3	19,5	3,3	0,7	3,3	100,0
Rondônia	13,3	56,7	16,7	0,0	0,0	13,3	100,0
Roraima	4,3	8,7	10,9	0,0	2,2	73,9	100,0
Tocantins	7,7	46,2	34,6	0,0	3,8	7,7	100,0
Norte	3,8	56,7	22,1	3,0	1,2	13,3	100,0
Alagoas	1,3	92,1	3,6	2,0	0,0	1,0	100,0
Bahia	0,8	85,1	7,5	1,6	0,5	4,4	100,0
Ceará	0,5	87,9	8,0	1,4	1,1	1,1	100,0
Maranhão	0,0	68,4	22,2	4,7	1,2	3,5	100,0
Paraíba	1,1	84,8	8,7	2,2	0,5	2,7	100,0
Pernambuco	3,1	78,2	10,7	5,0	0,0	3,1	100,0
Piauí	3,3	70,5	13,1	6,6	0,0	6,6	100,0
Rio Grande do Norte	0,0	89,4	6,8	2,5	0,0	1,2	100,0
Sergipe	0,0	79,8	14,3	0,0	1,2	4,8	100,0
Nordeste	1,0	84,4	9,0	2,4	0,5	2,7	100,0
Espírito Santo	1,1	91,6	4,2	1,9	0,0	1,1	100,0
Minas Gerais	2,2	83,2	6,5	4,6	0,4	3,2	100,0
Rio de Janeiro	2,1	76,0	3,0	1,3	0,6	16,9	100,0
São Paulo	3,9	68,9	7,7	9,0	2,1	8,4	100,0
Sudeste	2,5	78,8	5,5	4,4	0,8	8,0	100,0
Paraná	2,2	72,6	13,0	6,3	2,6	3,3	100,0
Rio Grande do Sul	2,2	78,4	8,1	4,3	0,0	7,0	100,0
Santa Catarina	5,2	72,4	15,5	1,7	1,7	3,4	100,0
Sul	2,5	74,7	11,5	5,1	1,6	4,7	100,0
Distrito Federal	2,4	81,5	14,5	0,0	0,0	1,6	100,0
Goiás	0,4	78,0	11,2	7,3	1,2	1,9	100,0
Mato Grosso	1,0	77,8	9,1	6,1	0,0	6,1	100,0
Mato Grosso do Sul	7,8	52,9	29,4	0,0	2,0	7,8	100,0
Centro-Oeste	1,7	76,4	13,3	4,7	0,8	3,2	100,0
Brasil	1,9	78,2	10,0	3,5	0,8	5,6	100,0

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Gráfico 3.4.1. Ordenamento das UF segundo participação % de armas de fogo nos homicídios de 0 a 17 anos de idade. Brasil. 2013

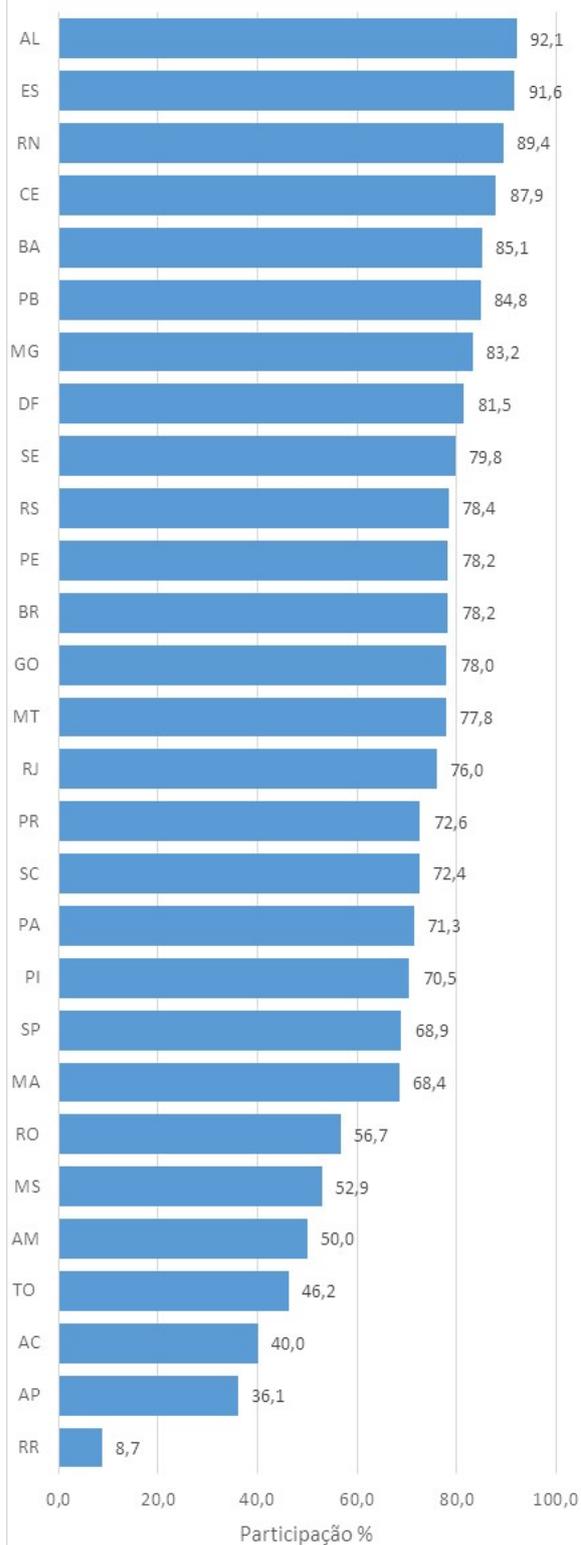
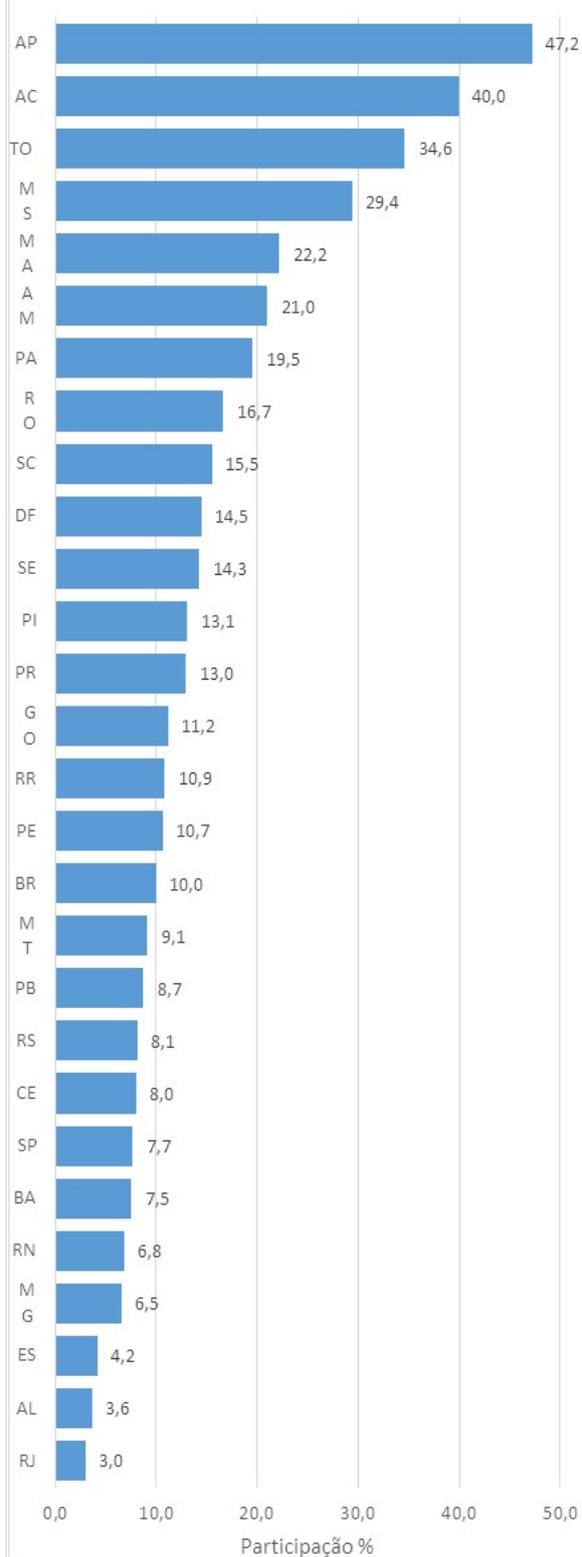


Gráfico 3.4.2. Ordenamento das UF segundo participação % de cortantes/penet. nos homicídios de 0 a 17 anos de idade. Brasil. 2013



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

3.5 Nível educacional das vítimas

O SIM/MS incorporou recentemente informações sobre os anos de estudo nos registros de mortalidade, agrupando-as nas categorias a seguir:

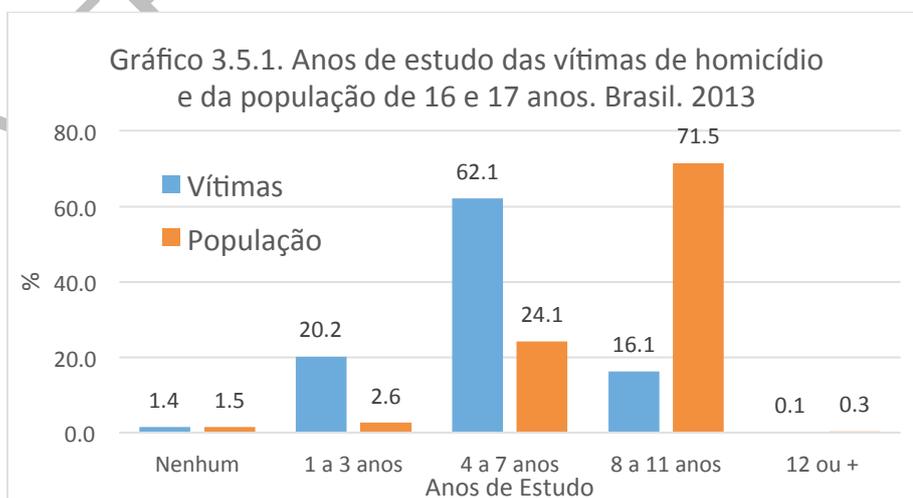
- nenhum estudo;
- 1 a 3 anos;
- 4 a 7 anos;
- 8 a 11 anos;
- 12 e mais anos de estudo.

Dos 3.749 homicídios na faixa de 16 e 17 anos de idade em 2013, foram notificados os anos de estudo de 2.858 casos, que correspondem a 76,2% do total de homicídios nessa faixa. Para estabelecer os anos de estudo da população foi utilizada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE de 2013, processando os dados nas mesmas categorias usadas pelo SIM. Os resultados estão na Tabela e Gráfico 3.5.1.

Tabela 3.5.1. Diferencial de anos de estudo das vítimas de homicídio de 16 e 17 anos de idade e a população nessa faixa. Brasil. 2013.

Anos de estudo	Vítimas homicídio		População
	n	%	%
Nenhum	41	1,4	1,5
1 a 3 anos de estudo	576	20,2	2,6
4 a 7 anos de estudo	1776	62,1	24,1
8 a 11 anos de estudo	461	16,1	71,5
12 ou + anos de estudo	4	0,1	0,3
Subtotal	2858	100,0	100,0
Sem Dados	891		
Total	3749		

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

- com menos de 3 anos de estudo, as vítimas de homicídio representam 21,6% do total de homicídios, mas só 4,1% na população;
- de 4 a 7 anos de estudo, 62,1% nos homicídios e 24,1% na população;
- de 8 a 11 anos de estudo, 16,1% nas vítimas de homicídio e 71,5% na população.

Assim, o perfil de escolaridade da maior parte dos adolescentes vítimas de homicídio é significativamente menor que o do conjunto da população dessa mesma faixa etária.

VERSÃO PRELIMINAR

4. OS HOMICÍDIOS NAS UFs

Desagregando os dados segundo as regiões e unidades federativas do país, temos o panorama detalhado nas Tabelas 4.1 e 4.2.

Na década 2003/2013, o número de homicídios na faixa de 0 a 19 anos de idade cresceu 19,7%. Entre 2012 e 2013, o crescimento foi de 3,6%. Os quantitativos, que já eram números elevados no início do período, cresceram mais ainda, agravando a situação.

Nesse período, as taxas passam de 12,4 para 16,3 por 100 mil habitantes, representando um aumento de 31,4% na década e de 2,7% no último ano da série.

Como retrata o Gráfico 4.1, a evolução ao longo do período não foi homogênea, apresentou algumas oscilações. Para um melhor entendimento, nesse gráfico iniciamos a série no ano 2000. Considerando os anos anteriores, em 2004 observa-se uma inflexão nas taxas, atribuível às estratégias de controle das armas de fogo iniciadas nesse ano para, pouco depois, no ano 2006, retomar a espiral ascendente de forma bem acelerada, com um ritmo médio elevado, de 5,6% ao ano.

Os dados da tabela 4.2 e do gráfico 4.3 estão a apontar duas situações bem diferenciadas:

- em primeiro lugar, um pequeno grupo de unidades, principalmente São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro, e também em menor medida, Rondônia e Mato Grosso do Sul, consegue fazer regredir as taxas ao longo da década;
- outro grupo de estados, numericamente bem maior – 22 ao todo – cujas taxas cresceram ao longo do período. Em alguns casos o crescimento foi bem drástico, como em Rio Grande do Norte, Ceará e Roraima, que mais que quadruplicam suas taxas na década.

Tabela 4.1. Número de homicídios de crianças e adolescentes (0 a 19 anos de idade) por UF e Região. Brasil. 2003/2013

UF/REGIÃO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ%	
												03/13	12/13
Acre	22	24	23	18	20	23	27	35	24	33	40	81,8	21,2
Amapá	53	53	51	48	33	43	42	65	53	63	65	22,6	3,2
Amazonas	122	96	109	128	124	144	155	184	276	210	237	94,3	12,9
Pará	240	223	339	352	371	497	523	603	568	572	595	147,9	4,0
Rondônia	67	86	77	74	69	77	84	72	50	63	54	-19,4	-14,3
Roraima	11	15	16	25	25	18	34	17	16	63	58	427,3	-7,9
Tocantins	30	29	24	38	30	42	37	44	45	54	50	66,7	-7,4
Norte	545	526	639	683	672	844	902	1.020	1.032	1.058	1.099	101,7	3,9
Alagoas	201	196	243	343	359	374	318	426	470	477	541	169,2	13,4
Bahia	373	351	446	531	581	791	1.085	1.172	1.075	1.252	1.171	213,9	-6,5
Ceará	215	231	283	314	353	364	388	505	543	911	1.052	389,3	15,5
Maranhão	100	110	137	162	172	189	190	185	173	222	306	206,0	37,8
Paraíba	81	112	136	161	157	173	242	282	306	330	321	296,3	-2,7
Pernambuco	745	840	840	828	865	798	704	594	599	597	498	-33,2	-16,6
Piauí	52	46	69	72	52	55	58	41	56	73	92	76,9	26,0
Rio Grande do Norte	51	48	67	68	106	138	139	138	200	253	311	509,8	22,9
Sergipe	74	66	54	82	77	76	83	85	127	145	162	118,9	11,7
Nordeste	1.892	2.000	2.275	2.561	2.722	2.958	3.207	3.428	3.549	4.260	4.454	135,4	4,6
Espírito Santo	290	323	297	313	351	364	390	376	391	391	427	47,2	9,2
Minas Gerais	692	765	815	825	815	749	689	657	769	928	911	31,6	-1,8
Rio de Janeiro	1.315	1.244	1.297	1.245	1.047	902	723	803	746	693	903	-31,3	30,3
São Paulo	2.560	1.853	1.332	1.182	804	754	657	651	639	782	781	-69,5	-0,1
Sudeste	4.857	4.185	3.741	3.565	3.017	2.769	2.459	2.487	2.545	2.794	3.022	-37,8	8,2
Paraná	467	525	630	618	650	691	661	623	582	628	498	6,6	-20,7
Rio Grande do Sul	282	326	320	277	363	331	321	295	292	334	325	15,2	-2,7
Santa Catarina	105	108	122	105	114	146	128	123	111	137	112	6,7	-18,2
Sul	854	959	1.072	1.000	1.127	1.168	1.110	1.041	985	1.099	935	9,5	-14,9
Distrito Federal	218	198	168	140	158	191	203	190	211	217	223	2,3	2,8
Goiás	180	228	224	228	220	247	253	298	364	473	499	177,2	5,5
Mato Grosso	125	107	129	134	121	124	128	129	122	151	189	51,2	25,2
Mato Grosso do Sul	116	106	113	103	129	132	131	93	86	103	99	-14,7	-3,9
Centro-Oeste	639	639	634	605	628	694	715	710	783	944	1.010	58,1	7,0
BRASIL	8.787	8.309	8.361	8.414	8.166	8.433	8.393	8.686	8.894	10.155	10.520	19,7	3,6

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

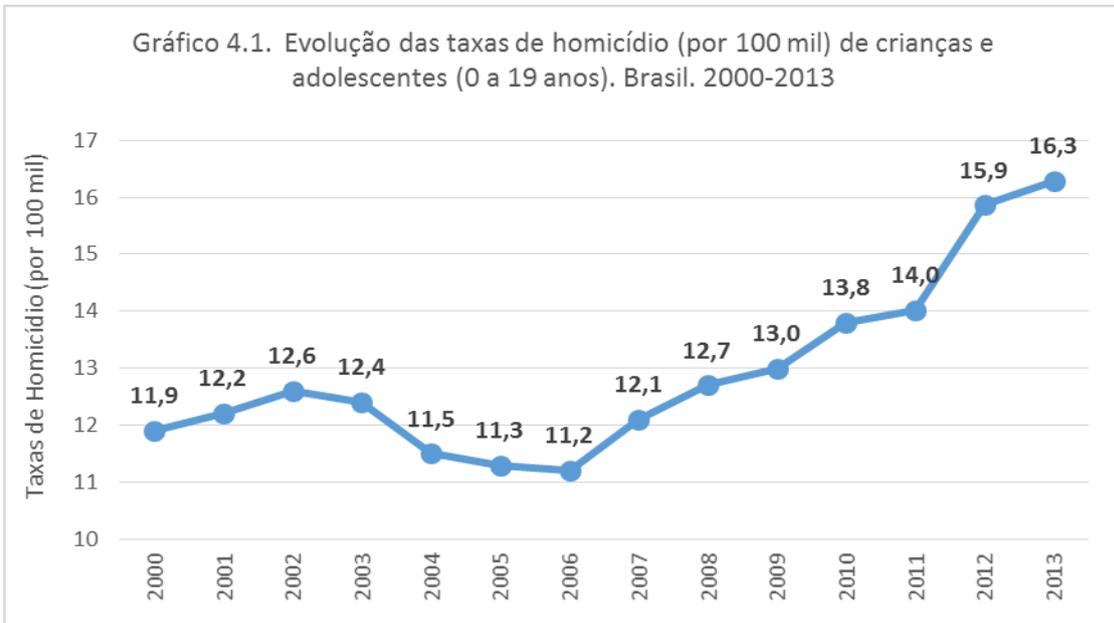
Apesar do largo diferencial no número de integrantes de ambos os grupos, o crescimento moderado das taxas na década – 31,4% – explica-se pelo grande peso demográfico dos estados que compõem o primeiro grupo, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, com significativas quedas nas taxas de homicídio de crianças e adolescentes.

Tabela 4.2. Taxas de homicídios (por 100 mil) de crianças e adolescentes (0 a 19 anos de idade) por UF e Região. Brasil. 2003/2013

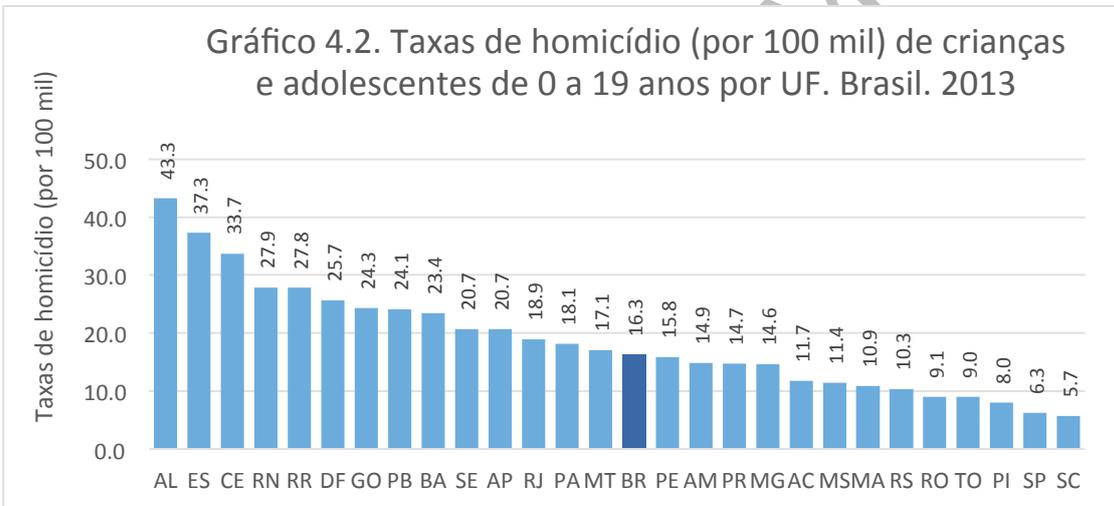
UF/REGIÃO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ%	
												03/13	12/13
Acre	7,2	7,7	6,8	5,2	6,1	7,3	8,5	10,8	7,3	9,8	11,7	62,8	19,2
Amapá	19,3	18,6	16,7	15,2	10,7	14,5	14,2	22,0	17,6	20,4	20,7	7,0	1,0
Amazonas	7,9	6,1	6,7	7,6	8,0	9,7	10,3	12,1	17,9	13,4	14,9	88,6	11,2
Pará	7,5	6,8	9,9	10,1	11,8	15,8	16,7	19,2	17,8	17,7	18,1	142,0	2,6
Rondônia	10,0	12,7	10,9	10,3	10,6	12,9	14,3	12,4	8,5	10,7	9,1	-9,4	-15,1
Roraima	6,1	8,1	8,2	12,4	13,0	9,5	17,7	8,7	8,0	30,8	27,8	356,3	-9,8
Tocantins	5,2	4,9	3,9	6,1	5,3	8,1	7,0	8,2	8,3	9,8	9,0	72,5	-8,5
Norte	8,1	7,6	8,9	9,3	10,0	12,9	13,7	15,5	15,4	15,6	16,0	97,0	2,4
Alagoas	14,8	14,3	17,3	24,1	27,1	28,1	24,9	34,8	38,1	38,4	43,3	192,6	12,6
Bahia	6,3	5,9	7,3	8,6	10,8	14,6	21,0	23,8	21,7	25,2	23,4	271,7	-7,0
Ceará	6,2	6,6	7,8	8,6	10,6	11,0	12,2	16,6	17,7	29,5	33,7	444,1	14,4
Maranhão	3,4	3,7	4,5	5,3	6,2	6,9	7,0	6,8	6,3	8,0	10,9	220,9	36,4
Paraíba	5,4	7,4	8,9	10,4	11,5	12,5	18,0	21,6	23,3	24,9	24,1	346,6	-3,3
Pernambuco	21,6	24,2	23,7	23,1	27,0	24,9	22,4	19,3	19,4	19,1	15,8	-26,7	-17,2
Piauí	3,9	3,4	5,0	5,2	4,2	4,4	4,9	3,6	4,9	6,4	8,0	104,1	25,2
Rio Grande do Norte	4,1	3,8	5,2	5,2	9,1	12,0	12,5	12,7	18,3	22,9	27,9	580,4	21,8
Sergipe	8,8	7,7	6,1	9,1	9,4	9,7	10,7	11,2	16,6	18,7	20,7	135,5	10,6
Nordeste	8,6	9,0	10,0	11,1	13,2	14,4	16,1	17,8	18,3	21,8	22,6	162,9	3,7
Espírito Santo	22,6	24,8	22,1	22,9	29,0	31,2	34,2	33,8	34,8	34,5	37,3	65,1	8,2
Minas Gerais	9,6	10,5	10,9	10,9	12,1	11,3	10,8	10,7	12,5	15,0	14,6	52,2	-2,5
Rio de Janeiro	25,7	24,1	24,5	23,2	21,2	18,4	15,1	17,2	15,9	14,7	18,9	-26,3	29,3
São Paulo	18,3	13,0	9,1	7,9	6,0	5,8	5,2	5,4	5,2	6,3	6,3	-65,7	-0,9
Sudeste	17,6	15,0	13,0	12,2	11,5	10,8	9,9	10,3	10,5	11,4	12,3	-30,2	7,3
Paraná	12,2	13,6	15,9	15,4	18,0	19,5	19,3	18,8	17,4	18,7	14,7	20,6	-21,2
Rio Grande do Sul	7,5	8,6	8,3	7,1	10,5	9,9	10,0	9,5	9,4	10,7	10,3	38,0	-3,1
Santa Catarina	4,9	5,0	5,5	4,6	5,7	7,4	6,6	6,4	5,8	7,0	5,7	16,0	-19,1
Sul	8,8	9,8	10,6	9,8	12,4	13,2	12,9	12,5	11,7	13,0	11,0	25,1	-15,5
Distrito Federal	25,3	22,5	18,3	14,9	18,2	21,2	23,5	22,9	25,1	25,4	25,7	1,6	1,2
Goiás	8,5	10,6	10,0	9,9	10,6	12,2	12,6	15,1	18,2	23,3	24,3	185,9	4,2
Mato Grosso	11,0	9,3	10,8	11,0	11,0	11,3	11,8	12,1	11,3	13,8	17,1	55,1	23,5
Mato Grosso do Sul	13,0	11,7	12,1	10,9	15,2	15,7	15,6	11,1	10,1	12,0	11,4	-12,2	-5,0
Centro-Oeste	12,8	12,6	12,0	11,2	12,8	14,2	14,9	15,1	16,4	19,5	20,6	61,2	5,6
Brasil	12,4	11,5	11,3	11,2	12,1	12,7	13,0	13,8	14,0	15,9	16,3	31,4	2,7

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

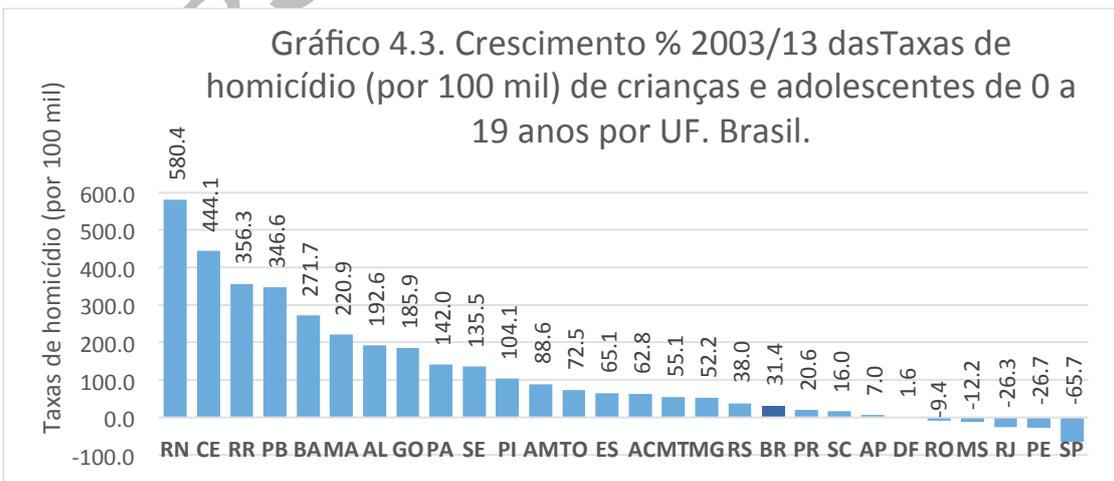
Ainda assim, no segundo grupo, temos diversas unidades que apresentam pesados incrementos individuais, como Rio Grande do Norte, que praticamente setuplica seus índices, ou Ceará, que os quintuplica.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

A Tabela 4.3, a seguir, tipifica a situação das taxas de homicídio de crianças e adolescentes no ano 2003, e o contrasta com a situação encontrada em 2013. Podem ser observados diversos deslocamentos significativos:

- estados que ocupavam lugares destacados no *ranking* da violência em 2003, como Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo ou Mato Grosso do Sul, caem para posições bem menos acentuadas;
- outras Unidades, relativamente tranquilas em 2003, como Rio Grande do Norte, Paraíba, Roraima, Ceará ou Bahia, viram suas taxas crescer drasticamente, passando a ocupar posições de relevo.

Tabela 4.3. Ordenamento das UF's por taxas de homicídio de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade. Brasil. 2003-2013.

UF	2003		UF	2013		Δ % 2003/13
	Taxa	Pos.		Taxa	Pos.	
Rio de Janeiro	25,7	1º	Rio de Janeiro	18,9	12º	-26,3
Distrito Federal	25,3	2º	Distrito Federal	25,7	6º	1,6
Espírito Santo	22,6	3º	Espírito Santo	37,3	2º	65,1
Pernambuco	21,6	4º	Pernambuco	15,8	15º	-26,7
Amapá	19,3	5º	Amapá	20,7	11º	7,0
São Paulo	18,3	6º	São Paulo	6,3	26º	-65,7
Alagoas	14,8	7º	Alagoas	43,3	1º	192,6
Mato Grosso do Sul	13,0	8º	Mato Grosso do Sul	11,4	20º	-12,2
Paraná	12,2	9º	Paraná	14,7	17º	20,6
Mato Grosso	11,0	10º	Mato Grosso	17,1	14º	55,1
Rondônia	10,0	11º	Rondônia	9,1	23º	-9,4
Minas Gerais	9,6	12º	Minas Gerais	14,6	18º	52,2
Sergipe	8,8	13º	Sergipe	20,7	10º	135,5
Goiás	8,5	14º	Goiás	24,3	7º	185,9
Amazonas	7,9	15º	Amazonas	14,9	16º	88,6
Pará	7,5	16º	Pará	18,1	13º	142,0
Rio Grande do Sul	7,5	17º	Rio Grande do Sul	10,3	22º	38,0
Acre	7,2	18º	Acre	11,7	19º	62,8
Bahia	6,3	19º	Bahia	23,4	9º	271,7
Ceará	6,2	20º	Ceará	33,7	3º	444,1
Roraima	6,1	21º	Roraima	27,8	5º	356,3
Paraíba	5,4	22º	Paraíba	24,1	8º	346,6
Tocantins	5,2	23º	Tocantins	9,0	24º	72,5
Santa Catarina	4,9	24º	Santa Catarina	5,7	27º	16,0
Rio Grande do Norte	4,1	25º	Rio Grande do Norte	27,9	4º	580,4
Piauí	3,9	26º	Piauí	8,0	25º	104,1
Maranhão	3,4	27º	Maranhão	10,9	21º	220,9

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

A partir da Tabela 4.4 ingressamos no tratamento dos homicídios na faixa de 16 e 17 anos de idade. Como já vimos no capítulo anterior, no detalhamento dos homicídios por idades simples, vai ser nesta faixa que acontecem as maiores taxas de homicídio na série aqui estudada, de 0 a 17 anos de idade, além de ter a maior participação como causa de mortalidade de crianças e adolescentes. Também podemos observar que o crescimento decenal nesta faixa (38,3%) foi superior ao da faixa ampla (0 a 19 anos de idade – Tabela 4.2: 31,4%)

Tabela 4.4. Número de homicídios de adolescentes (16 e 17 anos de idade) por UF e Região. Brasil. 2003/2013.

UF/REGIÃO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Acre	8	6	5	9	9	6	8	15	9	6	9
Amapá	15	18	16	18	8	15	15	24	19	19	22
Amazonas	31	32	34	34	38	38	52	60	96	72	79
Pará	70	84	107	117	125	169	182	215	205	189	204
Rondônia	25	41	19	33	31	28	23	27	15	18	15
Roraima	2	4	6	6	5	3	7	4	3	11	7
Tocantins	7	16	5	11	8	14	10	12	14	18	8
Norte	158	201	192	228	224	273	297	357	361	333	344
Alagoas	66	66	70	99	125	117	113	144	159	183	189
Bahia	120	110	132	149	188	274	381	419	396	484	393
Ceará	69	68	98	104	112	122	141	174	192	350	373
Maranhão	31	35	42	48	56	64	54	60	63	59	110
Paraíba	32	40	30	41	49	59	82	101	113	129	116
Pernambuco	245	298	284	290	288	263	255	196	196	207	187
Piauí	20	13	22	26	14	11	24	13	21	25	39
Rio Grande do Norte	19	16	25	19	34	55	46	51	60	103	117
Sergipe	24	17	20	29	25	22	27	24	51	48	64
Nordeste	626	663	723	805	891	987	1.123	1.182	1.251	1.588	1.588
Espírito Santo	113	105	92	112	119	123	135	130	151	149	171
Minas Gerais	250	261	295	291	294	252	231	236	263	344	359
Rio de Janeiro	467	444	513	464	367	342	242	285	279	238	323
São Paulo	864	621	475	403	224	205	199	241	203	278	283
Sudeste	1.694	1.431	1.375	1.270	1.004	922	807	892	896	1.009	1.136
Paraná	139	190	216	214	217	259	216	218	191	217	173
Rio Grande do Sul	83	97	104	79	92	95	102	78	89	118	115
Santa Catarina	31	41	45	44	34	41	39	40	44	47	39
Sul	253	328	365	337	343	395	357	336	324	382	327
Distrito Federal	73	79	64	47	50	64	76	74	83	80	76
Goiás	56	71	77	80	66	76	78	119	103	157	183
Mato Grosso	44	33	37	56	26	33	37	40	48	47	65
Mato Grosso do Sul	22	34	37	32	43	38	48	33	26	31	30
Centro-Oeste	195	217	215	215	185	211	239	266	260	315	354
BRASIL	2.926	2.840	2.870	2.855	2.647	2.788	2.823	3.033	3.092	3.627	3.749

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 4.5. Taxas de homicídios por 100 mil adolescentes de 16 e 17 anos por UF e Região.
Brasil. 2003/2013

UF/REGIÃO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ% 03/13	Δ% 12/13
Acre	27,7	20,3	15,5	27,3	30,2	21,0	27,8	48,3	28,5	18,7	27,7	-0,2	47,8
Amapá	57,4	66,6	55,1	59,8	28,1	55,4	55,2	80,1	63,2	61,9	71,0	23,8	14,8
Amazonas	21,6	21,8	22,2	21,7	26,1	26,6	35,9	40,4	64,5	47,6	51,9	140,9	9,0
Pará	22,2	26,2	32,1	34,4	40,5	54,9	59,0	67,5	64,0	58,1	62,1	179,6	7,0
Rondônia	37,7	60,9	27,2	46,4	47,5	46,5	38,5	42,8	23,8	28,3	23,5	-37,6	-16,8
Roraima	12,0	23,3	32,8	31,8	28,0	17,3	40,6	21,1	15,5	55,8	34,8	190,9	-37,6
Tocantins	12,0	26,9	8,1	17,4	14,0	26,7	19,3	21,4	24,7	31,4	13,8	15,3	-56,0
Norte	24,1	30,1	27,5	31,9	34,3	42,9	46,6	53,6	53,9	49,0	50,2	108,0	2,4
Alagoas	47,8	47,3	49,1	68,7	100,7	95,4	93,0	114,5	125,5	143,4	147,0	207,5	2,5
Bahia	18,4	16,7	19,7	22,0	34,5	50,6	71,7	77,7	74,1	90,1	73,5	299,9	-18,5
Ceará	20,1	19,6	27,4	28,7	32,6	36,0	42,1	50,9	56,2	101,6	108,0	436,0	6,3
Maranhão	10,1	11,3	13,2	14,9	20,5	24,3	20,9	21,8	22,8	21,2	39,3	287,6	85,8
Paraíba	20,0	24,9	18,4	25,0	33,8	41,0	58,0	72,1	79,5	90,2	80,2	300,2	-11,1
Pernambuco	67,2	81,0	75,6	76,4	87,3	81,0	79,8	60,9	60,0	62,9	56,1	-16,5	-10,8
Piauí	13,7	8,8	14,7	17,2	11,1	9,1	20,5	10,8	17,4	20,5	31,8	131,7	54,7
Rio Grande do Norte	14,9	12,4	18,8	14,1	28,0	46,8	40,1	42,4	50,5	85,9	98,1	560,2	14,2
Sergipe	27,8	19,4	22,1	31,5	31,1	28,8	35,9	29,3	62,7	58,4	78,0	180,9	33,5
Nordeste	26,9	28,2	30,1	33,2	42,7	48,1	55,7	57,2	60,5	76,2	76,0	182,0	-0,3
Espírito Santo	81,3	74,5	63,1	75,6	94,6	103,5	116,2	108,3	125,7	122,9	140,6	72,8	14,3
Minas Gerais	32,3	33,3	36,7	35,8	41,9	36,5	33,9	34,5	38,1	49,5	51,2	58,8	3,4
Rio de Janeiro	87,6	82,5	93,0	83,2	75,2	70,0	49,5	56,3	54,8	46,4	62,5	-28,7	34,8
São Paulo	57,3	40,6	30,1	25,1	16,5	15,8	15,5	18,4	15,5	21,1	21,3	-62,7	1,4
Sudeste	57,3	47,8	44,7	40,7	37,5	35,5	31,4	34,1	34,1	38,1	42,6	-25,6	11,9
Paraná	35,2	47,6	52,8	51,7	57,3	68,5	57,2	58,9	51,0	57,5	45,4	29,0	-21,1
Rio Grande do Sul	20,6	23,8	25,0	18,8	25,0	26,6	28,7	22,5	25,3	33,4	32,2	56,8	-3,6
Santa Catarina	13,7	17,9	19,1	18,4	15,8	19,3	18,4	18,7	20,1	21,2	17,3	26,0	-18,5
Sul	24,7	31,7	34,4	31,4	35,6	41,7	37,8	36,1	34,3	40,2	33,9	37,5	-15,5
Distrito Federal	78,5	83,3	64,6	46,4	56,8	69,0	80,9	85,5	94,0	89,3	83,3	6,1	-6,7
Goiás	25,5	31,7	33,0	33,7	31,4	36,7	37,7	56,2	48,0	72,2	83,1	226,4	15,0
Mato Grosso	38,1	28,1	30,3	45,0	23,0	29,2	32,8	34,9	41,7	40,3	55,4	45,5	37,3
Mato Grosso do Sul	23,9	36,5	38,5	32,8	49,1	43,8	55,4	36,4	28,3	33,4	32,0	33,8	-4,3
Centro-Oeste	37,4	41,0	39,1	38,3	37,1	42,2	47,8	52,8	51,0	61,0	67,7	80,8	11,0
BRASIL	39,1	37,5	36,8	36,1	38,5	41,4	42,3	44,7	45,3	52,7	54,1	38,3	2,7

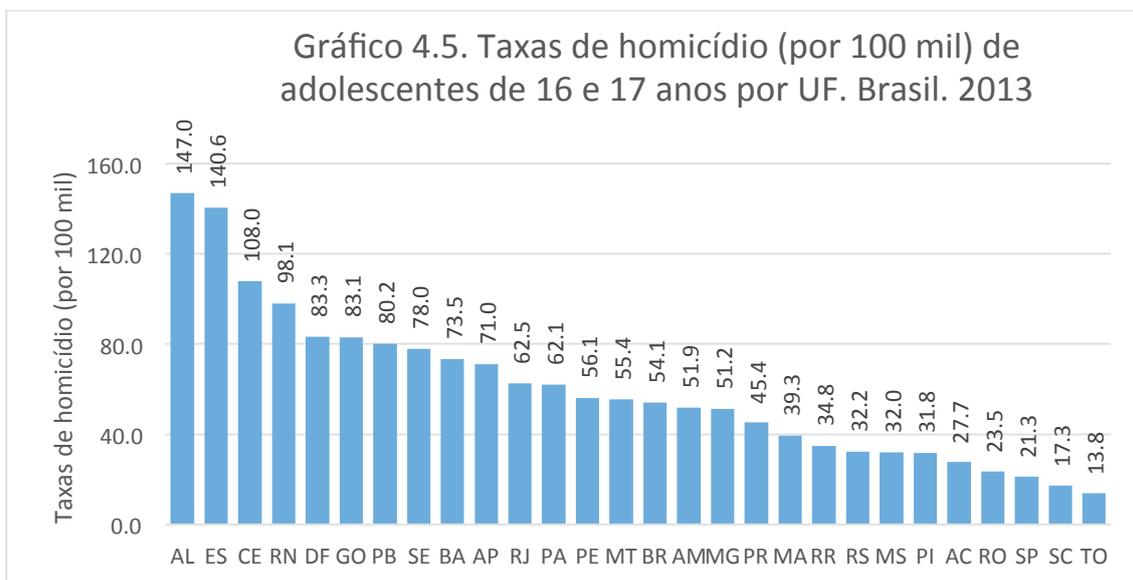
Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

A região Nordeste, por larga margem, foi a que evidenciou maior crescimento em suas taxas na década: 182%, seguida pela região Norte, com 108% e a Centro-Oeste, 80,8%. O Sul apresenta um crescimento moderado com 37,5% e o Sudeste foi a única região a evidenciar queda, 25,6%.

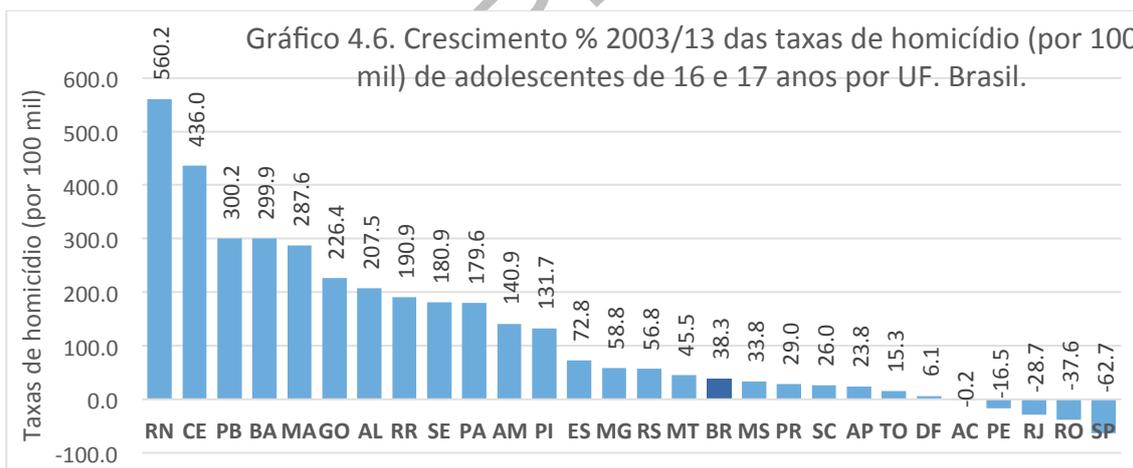
Serão quatro estados do Nordeste: Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, junto com Espírito Santo, Distrito Federal e Goiás, as Unidades a evidenciar as maiores taxas de mortalidade de adolescentes de 16

e 17 anos, taxas acima de 80 homicídios por 100 mil adolescentes, no ano de 2013.

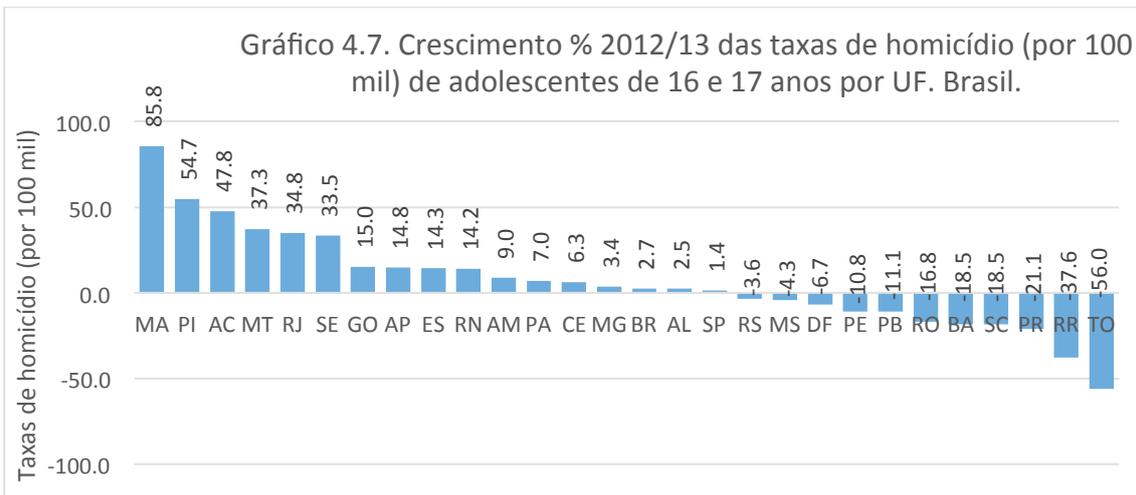
No outro extremo, Tocantins e Santa Catarina são os que apresentam as menores taxas, abaixo de 20 homicídios em 100 mil adolescentes. Ainda sendo as menores do Brasil, são taxas que evidenciam níveis epidêmicos de violência.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

VERSÃO PRELIMINAR

Tabela 4.6. Ordenamento das UFs por taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2003-2013.

UF	2003		UF	2013		Δ % 2003/13
	Taxa	Pos.		Taxa	Pos.	
Rio de Janeiro	87,6	1º	Rio de Janeiro	62,5	11º	-28,7
Espírito Santo	81,3	2º	Espírito Santo	140,6	2º	72,8
Distrito Federal	78,5	3º	Distrito Federal	83,3	5º	6,1
Pernambuco	67,2	4º	Pernambuco	56,1	13º	-16,5
Amapá	57,4	5º	Amapá	71,0	10º	23,8
São Paulo	57,3	6º	São Paulo	21,3	25º	-62,7
Alagoas	47,8	7º	Alagoas	147,0	1º	207,5
Mato Grosso	38,1	8º	Mato Grosso	55,4	14º	45,5
Rondônia	37,7	9º	Rondônia	23,5	24º	-37,6
Paraná	35,2	10º	Paraná	45,4	17º	29,0
Minas Gerais	32,3	11º	Minas Gerais	51,2	16º	58,8
Sergipe	27,8	12º	Sergipe	78,0	8º	180,9
Acre	27,7	13º	Acre	27,7	23º	-0,2
Goiás	25,5	14º	Goiás	83,1	6º	226,4
Mato Grosso do Sul	23,9	15º	Mato Grosso do Sul	32,0	21º	33,8
Pará	22,2	16º	Pará	62,1	12º	179,6
Amazonas	21,6	17º	Amazonas	51,9	15º	140,9
Rio Grande do Sul	20,6	18º	Rio Grande do Sul	32,2	20º	56,8
Ceará	20,1	19º	Ceará	108,0	3º	436,0
Paraíba	20,0	20º	Paraíba	80,2	7º	300,2
Bahia	18,4	21º	Bahia	73,5	9º	299,9
Rio Grande do Norte	14,9	22º	Rio Grande do Norte	98,1	4º	560,2
Santa Catarina	13,7	23º	Santa Catarina	17,3	26º	26,0
Piauí	13,7	24º	Piauí	31,8	22º	131,7
Tocantins	12,0	25º	Tocantins	13,8	27º	15,3
Roraima	12,0	26º	Roraima	34,8	19º	190,9
Maranhão	10,1	27º	Maranhão	39,3	18º	287,6

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Na evolução dos dados na última década observamos diversas situações altamente preocupantes:

- Rio Grande do Norte e Ceará apresentaram níveis de crescimento dos homicídios de seus adolescentes totalmente inaceitáveis: 560% e 436%;
- outros dois estados, Paraíba e Bahia, completam o quadro dos quatro estados nordestinos a encabeçar o crescimento na década;
- só cinco unidades: Acre, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo evidenciaram quedas no período, com destaque para São Paulo, cuja queda foi de 62,7%.

• 5. OS HOMICÍDIOS NAS CAPITALS

Se o número de homicídios de adolescentes de 16 e 17 anos de idade ficou relativamente estagnado na década, as taxas aumentaram como consequência da retração da população nessa faixa. Essa estagnação se processou a partir de patamares extremamente elevados de violência homicida: em 2013, morreram nas capitais 1.312 adolescentes, vítimas desse flagelo. Fazendo as contas, foram 3,6 crianças por dia, o que corresponde a uma taxa de 88 por cada 100 mil adolescentes. Mas esses morticínios cotidianos não têm nome e nem endereço certo, acontecem no lusco-fusco de uma cultura da cegueira. Permanecem invisíveis sob o manto da desinformação, da indiferença e do desinteresse da mídia, da população e das instituições que deveriam ter o papel primordial de protegê-los.

Como colocado, as taxas cresceram: de 76,9 por 100 mil em 2003, vão para 88,0 em 2013, um aumento de 14,5%.

O Nordeste lidera, por larga margem, esse triste *ranking* das capitais, tanto nas taxas quanto nos quantitativos. Possuindo 27,8% da população do país, concentra 52,8% do total de homicídios desses adolescentes na faixa de 16 e 17 anos de idade no ano de 2013. Daí se explica sua taxa brutal: 173,1 homicídios por 100 mil, bem acima da média nacional de 88,0.

Um outro dado mais preocupante ainda, em 2003, as capitais da região nordeste apresentavam taxas bem abaixo da média nacional: 55,1 por 100 mil quando a média nacional era de 76,9. A partir dessa data, de forma sistemática, números e taxas crescem aceleradamente para, no ano de 2013, a taxa regional pular para 173,1; o que representa um crescimento de 214%, mais que triplicando a taxa de 2003. Individualmente, diversas UFs da região puxaram essas taxas para os limites absurdos que apresentam em 2013:

- Fortaleza, com a maior taxa nacional: 267,7 homicídios por 100 mil, cuja taxa em 2003 era de 23,5; o que significou um incremento de 1.040% na década, aumentando mais de 11 vezes a taxa inicial;
- Maceió: taxa 236,2; segunda no *ranking*; crescimento 106,6% na década;
- João Pessoa: taxa de 222,6 (terceira no *ranking*); crescimento de 275,7%.

Tabela 5.1. Homicídios de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. 2003/2013.

Capital	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Belém	30	34	41	32	39	47	61	76	62	54	53
Boa Vista	2	4	5	6	3	3	5	4	3	7	6
Macapá	11	15	12	16	4	11	11	20	17	12	15
Manaus	22	25	25	28	31	30	44	43	72	61	56
Palmas	1	5	3	2	1	1	1	5	3	5	5
Porto Velho	14	31	9	25	20	12	12	12	12	12	9
Rio Branco	4	5	4	5	5	4	4	10	3	4	5
Norte	84	119	99	114	103	108	138	170	172	155	149
Aracaju	12	6	12	14	9	9	11	6	19	21	30
Fortaleza	23	30	66	65	67	82	81	109	123	236	239
João Pessoa	16	15	18	16	24	34	33	45	55	55	56
Maceió	42	44	48	67	62	75	61	92	86	86	81
Natal	16	8	14	9	14	27	16	31	26	46	43
Recife	73	138	107	113	104	88	78	58	55	57	46
Salvador	49	45	52	62	75	124	147	155	143	131	113
São Luís	14	17	20	21	23	24	21	25	25	24	49
Teresina	17	12	17	23	11	7	18	11	16	16	36
Nordeste	262	315	354	390	389	470	466	532	548	672	693
Belo Horizonte	108	122	100	117	103	93	74	58	70	78	71
Rio de Janeiro	253	233	220	211	138	122	80	91	72	55	62
São Paulo	347	262	146	123	61	55	62	67	51	103	94
Vitória	24	21	22	18	18	11	20	18	23	21	21
Sudeste	732	638	488	469	320	281	236	234	216	257	248
Curitiba	48	51	64	64	54	70	64	66	35	35	33
Florianópolis	9	17	12	10	11	8	9	8	11	8	6
Porto Alegre	27	26	38	22	34	35	36	26	27	37	42
Sul	84	94	114	96	99	113	109	100	73	80	81
Brasília	73	82	64	47	50	64	76	74	83	80	76
Campo Grande	16	14	12	11	23	14	18	10	10	5	5
Cuiabá	19	12	20	31	11	9	12	10	17	14	14
Goiânia	30	29	26	28	23	23	20	30	37	54	46
Centro-Oeste	138	137	122	117	107	110	126	124	147	153	141
Brasil	1.300	1.303	1.177	1.186	1.018	1.082	1.075	1.160	1.156	1.317	1.312

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 5.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. Brasil. 2003/2013

Capital	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ% 03/13	Δ% 12/13
Belém	49,3	55,1	64,4	49,4	73,0	90,4	117,2	150,5	123,5	106,9	105,2	113,2	-1,7
Boa Vista	19,5	38,0	44,6	51,9	28,7	28,6	47,7	34,0	24,8	56,6	47,4	142,5	-16,3
Macapá	70,5	92,6	68,7	88,4	24,0	71,1	70,8	114,4	97,2	67,2	83,5	18,4	24,2
Manaus	31,3	34,7	33,1	36,1	45,3	44,0	63,3	60,3	101,4	84,6	77,5	147,3	-8,4
Palmas	12,2	57,6	30,4	19,1	10,3	13,2	13,1	56,1	31,6	51,2	48,9	299,0	-4,6
Porto Velho	88,2	192,0	53,7	146,3	123,2	77,7	78,6	72,1	71,7	70,6	52,5	-40,5	-25,7
Rio Branco	31,3	38,1	28,1	34,1	38,2	33,1	33,0	74,5	21,8	28,6	35,0	12,1	22,4
Norte	43,4	60,0	47,4	53,2	54,8	59,6	75,6	89,4	90,2	80,1	76,4	76,2	-4,6
Aracaju	55,5	27,4	53,4	61,4	48,5	48,0	59,8	30,9	98,3	107,1	152,9	175,7	42,7
Fortaleza	23,5	30,2	64,0	62,0	69,4	85,9	85,1	121,7	138,6	263,5	267,7	1039,6	1,6
João Pessoa	59,2	54,7	63,4	55,4	91,9	131,1	128,1	182,7	222,7	219,9	222,6	275,7	1,2
Maceió	114,3	117,5	122,9	168,0	173,8	217,0	176,1	275,7	255,7	253,0	236,2	106,6	-6,6
Natal	48,9	24,1	41,0	26,0	46,5	92,8	55,9	109,5	93,0	163,1	153,3	213,2	-6,0
Recife	123,4	231,4	176,2	184,3	192,2	164,2	147,4	116,5	110,8	114,2	92,1	-25,4	-19,3
Salvador	42,5	38,5	43,1	50,6	78,8	123,9	147,4	179,8	167,4	152,4	132,0	210,8	-13,4
São Luís	29,4	35,1	39,6	40,8	55,6	62,6	56,1	65,4	65,7	62,3	127,1	332,2	104,0
Teresina	45,9	31,9	43,8	58,2	33,6	23,1	62,2	38,6	55,1	54,6	120,9	163,1	121,5
Nordeste	55,1	65,3	71,1	77,1	90,4	110,3	110,5	133,7	138,2	168,0	173,1	214,0	3,1
Belo Horizonte	121,1	135,5	108,8	126,0	132,2	121,5	98,4	82,0	98,1	108,9	98,4	-18,7	-9,6
Rio de Janeiro	127,4	116,6	108,6	103,4	77,1	68,7	45,2	49,7	39,1	29,7	33,3	-73,8	12,2
São Paulo	86,9	65,1	35,7	29,9	17,5	16,4	18,8	20,1	15,5	31,1	28,5	-67,2	-8,3
Vitória	190,9	165,3	169,0	136,7	175,1	112,6	210,6	184,3	232,7	210,7	208,5	9,2	-1,0
Sudeste	104,6	90,5	68,1	65,0	51,9	46,8	39,9	39,2	36,3	43,0	41,5	-60,4	-3,5
Curitiba	76,4	79,9	96,9	95,2	88,5	114,9	105,0	122,9	63,5	63,0	58,3	-23,8	-7,5
Florianópolis	62,2	114,8	77,1	62,7	80,6	61,7	69,8	65,9	86,3	61,9	44,9	-27,9	-27,6
Porto Alegre	53,2	50,9	73,1	41,9	76,7	80,9	84,0	65,4	66,4	90,7	101,3	90,4	11,7
Sul	65,6	72,5	85,3	70,8	83,2	96,5	93,4	94,7	67,2	73,2	72,7	10,8	-0,8
Brasília	78,5	86,4	64,6	46,4	56,8	69,0	80,9	85,5	94,0	89,3	83,3	6,1	-6,7
Campo Grande	54,4	46,7	38,4	34,5	80,4	51,8	66,9	35,9	35,2	17,4	17,1	-68,5	-1,5
Cuiabá	83,2	51,8	83,4	127,1	53,3	45,7	62,2	51,5	87,5	71,4	71,2	-14,4	-0,3
Goiânia	61,8	58,9	51,1	54,2	54,8	54,6	47,8	69,5	83,9	121,0	101,2	63,9	-16,3
Centro-Oeste	71,2	69,4	59,5	55,9	59,7	60,6	69,2	70,1	81,6	83,8	76,0	6,7	-9,3
Brasil	76,9	76,1	66,8	66,4	66,4	71,8	72,0	79,1	78,6	88,8	88,0	14,5	-0,8

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

Tabela 5.3. Ordenamento das taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil, 2003-2013.

Capital	2003		2013	
	Taxa	Pos.	Taxa	Pos.
Fortaleza	23,5	25°	267,7	1°
Maceió	114,3	5°	236,2	2°
João Pessoa	59,2	14°	222,6	3°
Vitória	190,9	1°	208,5	4°
Natal	48,9	19°	153,3	5°
Aracaju	55,5	15°	152,9	6°
Salvador	42,5	21°	132,0	7°
São Luís	29,4	24°	127,1	8°
Teresina	45,9	20°	120,9	9°
Belém	49,3	18°	105,2	10°
Porto Alegre	53,2	17°	101,3	11°
Goiânia	61,8	13°	101,2	12°
Belo Horizonte	121,1	4°	98,4	13°
Recife	123,4	3°	92,1	14°
Macapá	70,5	11°	83,5	15°
Brasília	78,5	9°	83,3	16°
Manaus	31,3	22°	77,5	17°
Cuiabá	83,2	8°	71,2	18°
Curitiba	76,4	10°	58,3	19°
Porto Velho	88,2	6°	52,5	20°
Palmas	12,2	27°	48,9	21°
Boa Vista	19,5	26°	47,4	22°
Florianópolis	62,2	12°	44,9	23°
Rio Branco	31,3	23°	35,0	24°
Rio de Janeiro	127,4	2°	33,3	25°
São Paulo	86,9	7°	28,5	26°
Campo Grande	54,4	16°	17,1	27°

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

No outro extremo do espectro, a região Sudeste experimenta fortes e contínuas quedas na década, tanto nos quantitativos, que passam de 732 homicídios para 248, praticamente um terço do inicial, quanto nas taxas que caem 60,4% de 104,6 homicídios em 100 mil para 41,5. Isto se deve à retração das taxas em:

- São Paulo: as taxas caem de 86,9 para 28,5; queda de 67,2%;
- Rio de Janeiro: taxas caem de 127,4 para 33,3; queda de 73,8%;

- Belo Horizonte: queda de 18,7% (taxas de 121,1 para 98,4).

Ordenamento do crescimento (%) das taxas de homicídio de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil.

Tab. 5.4. Δ% 2003/13

Capital	Δ% 2003/13	
	Taxa	Pos.
Fortaleza	1.039,6	1º
São Luís	332,2	2º
Palmas	299	3º
João Pessoa	275,7	4º
Natal	213,2	5º
Salvador	210,8	6º
Aracaju	175,7	7º
Teresina	163,1	8º
Manaus	147,3	9º
Boa Vista	142,5	10º
Belém	113,2	11º
Maceió	106,6	12º
Porto Alegre	90,4	13º
Goiânia	63,9	14º
Macapá	18,4	15º
Rio Branco	12,1	16º
Vitória	9,2	17º
Brasília	6,1	18º
Cuiabá	-14,4	19º
Belo Horizonte	-18,7	20º
Curitiba	-23,8	21º
Recife	-25,4	22º
Florianópolis	-27,9	23º
Porto Velho	-40,5	24º
São Paulo	-67,2	25º
Campo Grande	-68,5	26º
Rio de Janeiro	-73,8	27º

Tab. 5.5. Δ% 2012/13

Capital	Δ% 2012/13	
	Taxa	Pos.
Teresina	121,5	1º
São Luís	104	2º
Aracaju	42,7	3º
Macapá	24,2	4º
Rio Branco	22,4	5º
Rio de Janeiro	12,2	6º
Porto Alegre	11,7	7º
Fortaleza	1,6	8º
João Pessoa	1,2	9º
Cuiabá	-0,3	10º
Vitória	-1	11º
Campo Grande	-1,5	12º
Belém	-1,7	13º
Palmas	-4,6	14º
Natal	-6	15º
Maceió	-6,6	16º
Brasília	-6,7	17º
Curitiba	-7,5	18º
São Paulo	-8,3	19º
Manaus	-8,4	20º
Belo Horizonte	-9,6	21º
Salvador	-13,4	22º
Goiânia	-16,3	23º
Boa Vista	-16,3	24º
Recife	-19,3	25º
Porto Velho	-25,7	26º
Florianópolis	-27,6	27º

Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

A Região Norte experimentou um crescimento relativamente alto: 76,2%, onde Palmas se destaca pelo forte incremento de 299,0% e Belém por sua taxa acima dos 100 homicídios por 100 mil, com índices mais que duplicando na década.

As taxas na Região Sul apresentaram baixo crescimento – 10,8% na década – mas com índices bem elevados, semelhantes aos da Região Norte. Destaque aqui é Porto Alegre, com taxas que superam os 100 homicídios por 100 mil em 2013, com crescimento de 90,4% na década e, por outro lado, Florianópolis e Curitiba, cujas taxas caem em torno de 25% na década.

Por último, a Região Centro-Oeste apresenta um crescimento relativamente baixo: 6,7% na década. Aqui, em extremos opostos, Goiânia cresce 63,9% – única capital da região a superar a taxa dos 100 homicídios em 2013 – e Campo Grande cai 68,5%.

VERSÃO PRELIMINAR

6. OS HOMICÍDIOS NOS MUNICÍPIOS

A Tabela 6.1, a seguir, detalha os 100 municípios com as maiores taxas de homicídios de adolescentes de 16 e 17 anos de idade, considerando só os 243 municípios com mais de 4.000 adolescentes nessa faixa etária. Ainda assim, foi necessário trabalhar com a taxa média de homicídios dos anos 2011 a 2013, dada a elevada instabilidade dos índices ao trabalhar com um universo etário muito limitado. Dessa forma, foram relacionadas a média de homicídios na faixa de 16 e 17 anos de idade dos três últimos anos disponíveis – 2011 a 2013 – e a média das estimativas populacionais para essa faixa nesses mesmos anos.

Em função desse procedimento, as taxas das tabelas a seguir não deverão coincidir exatamente com os índices encontrados nas tabelas do Capítulo 5, que desagregam os dados para as capitais. Por exemplo, Maceió, que apresenta aqui uma taxa média de homicídios de 248,1 por 100 mil jovens de 16 e 17 anos de idade, no capítulo anterior apresentou uma taxa de 236,2; mas para o ano de 2013.

Observamos com enorme apreensão a existência de um elevado número de municípios com taxas totalmente inaceitáveis de assassinatos adolescentes, que exigem medidas concretas e urgentes para frear a verdadeira pandemia de mortes de jovens.

Tabela 6.1. Ordenamento dos 100 municípios com as maiores taxas médias (2011/2013) de homicídio (por 100 mil) dos 243 municípios com mais de 4.000 adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2011/2013.

Município	UF	Média população	Homicídios			Taxa média 2011/13	Posição
			2011	2012	2013		
Simões Filho	BA	4.510	17	17	11	332,6	1
Lauro de Freitas	BA	5.618	13	23	16	308,5	2
Porto Seguro	BA	4.760	16	19	8	301,1	3
Serra	ES	14.410	40	32	48	277,6	4
Ananindeua	PA	18.491	47	46	49	256,0	5
Maceió	AL	33.996	86	86	81	248,1	6
Marituba	PA	4.214	10	10	10	237,3	7
Itabuna	BA	6.945	10	27	12	235,2	8
Santa Rita	PB	4.500	8	14	9	229,6	9
Fortaleza	CE	89.566	123	236	239	222,6	10
João Pessoa	PB	25.011	55	55	56	221,2	11
Vitória	ES	9.965	23	21	21	217,4	12
Teixeira de Freitas	BA	5.485	9	16	10	212,7	13
Cariacica	ES	12.153	18	28	30	208,5	14
Mossoró	RN	9.338	15	20	20	196,3	15
São Mateus	ES	4.356	6	13	6	191,3	16
Valparaíso de Goiás	GO	4.940	7	11	10	188,9	17
Camaçari	BA	9.094	13	24	14	186,9	18
Vila Velha	ES	13.247	27	18	20	163,6	19
Luziânia	GO	6.990	10	11	13	162,1	20
Betim	MG	14.285	26	20	22	158,7	21
Cabo Frio	RJ	6.919	11	11	10	154,2	22
Jequié	BA	5.629	6	12	8	154,0	23
Vitória da Conquista	BA	11.321	19	15	18	153,1	24
Alagoinhas	BA	5.236	6	12	6	152,8	25
Salvador	BA	85.961	143	131	113	150,1	26
Linhares	ES	5.161	7	7	9	148,6	27
Ilhéus	BA	6.674	14	8	7	144,8	28
Arapiraca	AL	8.677	8	19	10	142,1	29
Cabo de Santo Agostinho	PE	6.931	11	7	11	139,5	30
Maracanaú	CE	8.541	9	13	13	136,6	31
Natal	RN	28.206	26	46	43	135,9	32
Feira de Santana	BA	20.238	29	28	23	131,8	33
Ribeirão das Neves	MG	11.094	11	9	23	129,2	34
Macaé	RJ	6.902	11	7	8	125,6	35
Sinop	MT	4.516	6	1	10	125,5	36
Contagem	MG	20.199	15	34	25	122,1	37

(continua)

Tabela 6.1. (continuação)

Município	UF	Média população	Homicídios			Taxa média 2011/13	Posi- ção
			2011	2012	2013		
Cascavel	PR	10.939	11	17	12	121,9	38
Duque de Caxias	RJ	30.411	33	33	43	119,5	39
Aracaju	SE	19.599	19	21	30	119,1	40
Governador Valadares	MG	9.340	12	10	11	117,8	41
Vespasiano	MG	4.010	5	4	5	116,4	42
Altamira	PA	4.328	5	3	7	115,5	43
Águas Lindas de Goiás	GO	6.642	8	11	4	115,4	44
Paulo Afonso	BA	4.049	1	6	7	115,3	45
Alvorada	RS	7.533	7	9	10	115,0	46
Belém	PA	50.494	62	54	53	111,6	47
Marabá	PA	9.892	10	11	12	111,2	48
Caruaru	PE	11.752	16	12	11	110,6	49
Nova Iguaçu	RJ	28.962	29	21	44	108,2	50
Santa Luzia	MG	7.153	9	3	11	107,2	51
Paulista	PE	9.995	9	13	10	106,7	52
Sobral	CE	7.809	4	10	11	106,7	53
Sete Lagoas	MG	7.562	6	9	9	105,8	54
Recife	PE	49.915	55	57	46	105,5	55
Nossa Senhora do Socorro	SE	6.652	5	6	10	105,2	56
Castanhal	PA	7.450	12	6	5	102,9	57
Olinda	PE	12.322	14	9	15	102,8	58
Goiânia	GO	44.626	37	54	46	102,3	59
Belo Horizonte	MG	71.638	70	78	71	101,9	60
Rio Verde	GO	6.255	3	4	12	101,3	61
Foz do Iguaçu	PR	9.952	11	11	8	100,5	62
Parnamirim	RN	7.493	4	9	9	97,9	63
Viamão	RS	8.541	7	9	9	97,6	64
Pinhais	PR	4.223	3	7	2	94,7	65
Araucária	PR	4.635	2	4	7	93,5	66
Dourados	MS	7.318	3	9	8	91,1	67
Brasília	DF	89.619	83	80	76	88,9	68
Campina Grande	PB	13.926	17	12	8	88,6	69
Imperatriz	MA	9.797	6	9	11	88,5	70
Campos dos Goytacazes	RJ	16.306	16	13	14	87,9	71
Belford Roxo	RJ	17.537	15	8	23	87,4	72
Manaus	AM	72.116	72	61	56	87,4	73
Aparecida de Goiânia	GO	17.616	7	20	19	87,0	74
Porto Alegre	RS	40.789	27	37	42	86,6	75

(continua)

Tabela 6.1. (continuação)

Município	UF	Média população	Homicídios			Taxa média 2011/13	Posi- ção
			2011	2012	2013		
São Luís	MA	38.522	25	24	49	84,8	76
Tucuruí	PA	4.352	7	1	3	84,3	77
Macapá	AP	17.849	17	12	15	82,2	78
Londrina	PR	16.725	12	18	11	81,7	79
Patos de Minas	MG	4.905	4	3	5	81,5	80
São Gonçalo	RJ	31.571	18	22	37	81,3	81
Ibirité	MG	6.169	5	5	5	81,1	82
Caucaia	CE	14.107	6	12	16	80,3	83
Jaboatão dos Guararapes	PE	22.359	20	19	14	79,0	84
Teresina	PI	29.313	16	16	36	77,3	85
Várzea Grande	MT	9.542	8	5	9	76,9	86
Cuiabá	MT	19.602	17	14	14	76,5	87
São José dos Pinhais	PR	9.601	13	4	5	76,4	88
Ipatinga	MG	8.302	2	9	8	76,3	89
Colombo	PR	8.198	4	9	5	73,2	90
Itaboraí	RJ	7.684	5	5	6	69,4	91
Niterói	RJ	12.980	7	11	9	69,3	92
São José de Ribamar	MA	6.788	4	3	7	68,7	93
Montes Claros	MG	13.766	5	17	6	67,8	94
São João de Meriti	RJ	15.469	13	10	8	66,8	95
Sabará	MG	4.523	2	5	2	66,3	96
Barcarena	PA	4.555	3	4	2	65,9	97
Uberlândia	MG	20.471	10	16	14	65,1	98
Porto Velho	RO	17.001	12	12	9	64,7	99
Florianópolis	SC	12.915	11	8	6	64,5	100

7. ESTATÍSTICAS INTERNACIONAIS

A partir das bases de dados da Organização Mundial da Saúde foi possível processar dados de homicídios de crianças e adolescentes desagregados por faixas etárias, para 85 países do mundo. Essas bases só oferecem dados agrupados por faixas quinquenais para as idades das vítimas de homicídio, motivo pelo qual trabalharemos com a faixa de 15 a 19 anos de idade, que engloba nosso foco de análise nas vítimas de 16 e 17 anos, e também com o grupo de 0 a 19 anos de idade, para verificar a persistência dos índices encontrados.

Brasil, com sua taxa de 54,9 homicídios para cada 100 mil adolescentes de 15 a 19 anos de idade, ocupa um preocupante e nada louvável terceiro lugar entre 85 países do mundo, só superado por México e El Salvador. Também ocupa essa mesma terceira posição na faixa 0 a 19 anos de idade e só superada pelos mesmos países.

Vemos, com enorme desassossego, a existência de diversos países que não registram nenhum homicídio na faixa de 15 a 19 anos de idade, como Dinamarca, Escócia, Eslovênia, Suíça, etc. Em outros casos, nossa taxa de 54,9 resulta 275 vezes maior que a taxa de países como Áustria, Japão, Reino Unido ou Bélgica, que ostentam taxas de 0,2 homicídios por 100 mil adolescentes de 15 a 19 anos de idade. Ou 183 vezes maior que as taxas da Coreia, da Alemanha ou do Egito.

Tabela 7.1. Taxas de mortalidade (por 100 mil) de adolescentes de 15 a 19 anos de idade. 85 Países.

País	Ano	Taxa	Pos.	País	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	95,6	1º	Suécia	2013	0,7	44º
El Salvador	2012	55,8	2º	Rep Árabe Síria	2010	0,7	45º
Brasil	2013	54,9	3º	TFYR Macedónia	2010	0,7	46º
Colômbia	2011	49,3	4º	Austrália	2011	0,6	47º
Panamá	2012	39,7	5º	Bulgária	2012	0,6	48º
Porto Rico	2010	31,5	6º	Polónia	2013	0,6	49º
Guatemala	2012	29,6	7º	Sérvia	2013	0,5	50º
África Do Sul	2013	14,4	8º	Holanda	2013	0,5	51º
São Vicente e Granadinas	2013	11,1	9º	Portugal	2013	0,5	52º
Guadalupe	2011	10,3	10º	Hong Kong SAR	2013	0,5	53º
Uruguai	2010	9,8	11º	Itália	2012	0,5	54º
Argentina	2012	9,7	12º	França	2011	0,4	55º
Rep. Dominicana	2011	9,1	13º	Singapura	2013	0,4	56º
Estados Unidos	2010	8,3	14º	Espanha	2013	0,4	57º
Guiana	2011	7,5	15º	Marrocos	2012	0,4	58º
Paraguai	2012	6,9	16º	Hungria	2013	0,4	59º
Costa Rica	2012	6,3	17º	Irlanda	2010	0,4	60º
Chile	2012	6,1	18º	Rep. da Coreia	2012	0,3	61º
Nicarágua	2012	5,7	19º	Alemanha	2013	0,3	62º
Peru	2012	5,6	20º	Egito	2013	0,3	63º
Barbados	2011	5,1	21º	Áustria	2013	0,2	64º
Cuba	2012	4,9	22º	Japão	2013	0,2	65º
Fed. Russa	2011	4,0	23º	Reino Unido	2013	0,2	66º
Maurícia	2013	3,2	24º	Bélgica	2012	0,2	67º
Jordânia	2011	2,3	25º	Aruba	2012	0,0	68º
Quirguistão	2013	2,2	26º	Bahrain	2013	0,0	68º
Canadá	2011	2,1	27º	Bermudas	2010	0,0	68º
Rep. da Moldávia	2013	2,1	28º	Brunei Darussalam	2012	0,0	68º
Letônia	2012	1,9	29º	Chipre	2012	0,0	68º
Honduras	2013	1,8	30º	Croácia	2013	0,0	68º
Israel	2012	1,8	31º	Dinamarca	2012	0,0	68º
Irlanda Do Norte	2013	1,6	32º	Dominica	2013	0,0	68º
Finlândia	2013	1,6	33º	Escócia	2013	0,0	68º
Belarus	2011	1,6	34º	Eslovênia	2010	0,0	68º
Lituânia	2012	1,5	35º	Fiji	2012	0,0	68º
Estônia	2012	1,5	36º	Ilhas Cayman	2010	0,0	68º
Ucrânia	2012	1,2	37º	Kuwait	2013	0,0	68º
Geórgia	2012	1,0	38º	Luxemburgo	2013	0,0	68º
Rep. Tcheca	2013	1,0	39º	Malta	2012	0,0	68º
Nova Zelândia	2011	0,9	40º	Suíça	2012	0,0	68º
Noruega	2013	0,9	41º	Suriname	2012	0,0	68º
Armênia	2012	0,9	42º	Tunísia	2013	0,0	68º
Romênia	2012	0,8	43º				

Fonte: Whosis/OMS; Census.

Tabela 7.2. Taxas de mortalidade (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade. 85 Países.

País	Ano	Taxa	Pos.	País	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	26,7	1º	Bulgária	2012	0,5	44º
El Salvador	2012	17,5	2º	Chipre	2012	0,5	45º
Brasil	2013	16,9	3º	Bélgica	2012	0,5	46º
Colômbia	2011	14,3	4º	República Tcheca	2013	0,4	47º
Panamá	2012	10,8	5º	Finlândia	2013	0,4	48º
Porto Rico	2010	9,7	6º	Holanda	2013	0,4	49º
Guatemala	2012	8,6	7º	Noruega	2013	0,4	50º
Ilhas Cayman	2010	7,6	8º	Hong Kong SAR	2013	0,3	51º
África Do Sul	2013	3,4	9º	Suécia	2013	0,3	52º
Uruguai	2010	3,3	10º	França	2011	0,3	53º
Estados Unidos	2010	3,1	11º	Alemanha	2013	0,3	54º
São Vicente e Granadinas	2013	3,0	12º	Portugal	2013	0,3	55º
Rep. Dominicana	2011	3,0	13º	Geórgia	2012	0,3	56º
Guiana	2011	2,9	14º	Rep. Árabe Síria	2010	0,3	57º
Guadalupe	2011	2,6	15º	Polônia	2013	0,3	58º
Argentina	2012	2,5	16º	Espanha	2013	0,3	59º
Paraguai	2012	2,2	17º	Armênia	2012	0,3	60º
Costa Rica	2012	2,2	18º	Singapura	2013	0,2	61º
Chile	2012	2,0	19º	Croácia	2013	0,2	62º
Peru	2012	2,0	20º	Marrocos	2012	0,2	63º
Nicarágua	2012	1,9	21º	Japão	2013	0,2	64º
Cuba	2012	1,7	22º	Itália	2012	0,2	65º
Suriname	2012	1,5	23º	TFYR Macedónia	2010	0,2	66º
Fed. Russa	2011	1,5	24º	Austrália	2011	0,2	67º
Estônia	2012	1,5	25º	Irlanda	2010	0,2	68º
Barbados	2011	1,4	26º	Egito	2013	0,1	69º
Canadá	2011	1,1	27º	Suíça	2012	0,1	70º
Maurícia	2013	0,9	28º	Reino Unido	2013	0,1	71º
Rep. da Moldávia	2013	0,9	29º	Kuwait	2013	0,1	72º
Irlanda Do Norte	2013	0,8	30º	Dinamarca	2012	0,1	73º
Jordânia	2011	0,8	31º	Áustria	2013	0,1	74º
Lituânia	2012	0,8	32º	Tunísia	2013	0,0	75º
Sérvia	2013	0,8	33º	Aruba	2012	0,0	75º
Letônia	2012	0,8	34º	Bahrain	2013	0,0	75º
Nova Zelândia	2011	0,7	35º	Bermudas	2010	0,0	75º
Israel	2012	0,7	36º	Brunei Darussalam	2012	0,0	75º
Quirguistão	2013	0,7	37º	Dominica	2013	0,0	75º
Belarus	2011	0,7	38º	Escócia	2013	0,0	75º
Hungria	2013	0,6	39º	Eslovênia	2010	0,0	75º
Rep. da Coreia	2012	0,6	40º	Fiji	2012	0,0	75º
Ucrânia	2012	0,6	41º	Luxemburgo	2013	0,0	75º
Honduras	2013	0,5	42º	Malta	2012	0,0	75º
Romênia	2012	0,5	43º				

Fonte: Whosis/OMS; Census.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como colocamos na introdução, tentamos focar a violência letal dirigida a adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Não era nossa intenção abordar todas as violências, nem sequer a maior parte delas. Só um minúsculo fragmento desse *iceberg* que são as ações que, de forma intencional, provocam a morte de adolescentes e são registradas e institucionalizadas, através da declaração de óbito, no Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde.

Verificamos, já no início das análises, um fato altamente preocupante: as denominadas *causas externas* de mortalidade, nessa faixa etária, vêm crescendo ao longo do tempo, na contramão das *causas naturais*, que caíram de forma contínua e acentuada nas três últimas décadas. Explicado pelos avanços na cobertura do sistema de saúde, de saneamento básico e educacional do país, pela melhoria das condições de vida da população, dentre diversos outros fatores, a mortalidade por *causas naturais* evidenciou drástico declínio nas três décadas analisadas. E as *causas externas* crescem no período, fundamentalmente, pela escalada de um flagelo que se transformou, ao longo dos anos, na maior causa de letalidade de nossos adolescentes e jovens: a violência homicida. E numa magnitude, numa escala, que resulta total e absolutamente inadmissível, sem a menor justificção.

Alguns dados básicos, apresentados ao longo do estudo, permitem dimensionar essa questão:

- em 2013 foram registrados 3.561 mortes de adolescentes de 16 anos de idade por qualquer causa, seja *natural*, como doenças infecciosas, parasitárias, etc.; seja *externa*, como uma queda acidental ou um acidente de trânsito. Desse total, 1.534 foram vítimas de homicídio o que equivale a 43,1% do total de mortes de jovens de 16 anos de idade. A segunda causa, em ordem de importância, foram os acidentes de transporte, que ceifaram a vida de 467 desses adolescentes: mais 13,1%;
- nesse mesmo ano, morre um total de 4.592 jovens de 17 anos de idade. Aqui, os homicídios foram 2.215. Praticamente a metade – 48,2% – das mortes dos jovens de 17 anos de idade foi por homicídio.

Se o assassinato de qualquer ser humano, seja criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso já é inaceitável, que qualificativo merecem muitas de nossas taxas que superam, de longe, o que é considerado nível epidêmico, atingindo a dimensão de verdadeira pandemia social?

Claro indicador dessa situação é a posição do Brasil no contexto internacional. Suas taxas de homicídio de crianças e adolescentes a levam a ocupar a 3ª posição entre os 85 países do mundo analisados, contrastando dramaticamente com países que não registram nenhum homicídio na faixa de 15 a 19 anos de idade, como Dinamarca, Escócia, Eslovênia, Suíça e outros. Considerando outros casos, nossa taxa de 54,9 por cada 100 jovens de 15 a 19 anos de idade, resulta 275 vezes maior do que a de países como Áustria, Japão, Reino Unido ou Bélgica, que ostentam índices de 0,2 homicídios por 100 mil. Ou 183 vezes maior que as taxas da Coreia, da Alemanha ou do Egito.

E não só as magnitudes. Preocupa mais ainda observar a tendência sempre crescente desde 1980 e com poucas interrupções, tanto dos números quanto das taxas de homicídios de nossas crianças e adolescentes.

Essa tendência é incentivada mais ainda pela tolerância e aceitação, tanto da opinião pública quanto das instituições encarregadas de enfrentar esse flagelo. Como bem aponta Atila Roque, diretor executivo da Anistia Internacional no Brasil, numa recente entrevista referindo-se aos homicídios de jovens e adolescentes: *o Brasil convive, tragicamente, com uma espécie de “epidemia de indiferença”, quase cumplicidade de grande parcela da sociedade, com uma situação que deveria estar sendo tratada como uma verdadeira calamidade social. (...) Isso ocorre devido a certa naturalização da violência e a um grau assustador de complacência do estado em relação a essa tragédia. É como se estivéssemos dizendo, como sociedade e governo, que o destino desses jovens já estava traçado*¹¹.

Como opera esse esquema de “naturalização” e aceitação social da violência? São diversos os mecanismos, mas fundamentalmente:

1. pela culpabilização das vítimas, como mecanismo justificador das violências dirigidas, principalmente, a setores subalternos ou particularmente vulneráveis que, pelas leis vigentes, deveriam ser objeto

¹¹ <http://prvl.org.br/noticias/anistia-internacional-e-o-compromisso-do-brasil-com-os-direitos-humanos/>

de proteção específica, como mulheres, crianças e adolescentes, idosos, negros. Os mecanismos dessa culpabilização são variados: a mulher estuprada foi quem provocou ou ela se vestia como uma “vadia”; o adolescente é denominado marginal, delinquente, drogado, traficante; pela admissão de castigos físicos ou punições morais com função “disciplinadora” por parte das famílias ou instituições, etc. A própria existência de leis ou mecanismos específicos de proteção: estatutos da criança, do adolescente, do idoso; Lei Maria da Penha, ações afirmativas, etc. indicam claramente as desigualdades e a vulnerabilidade existentes. Se todos fôssemos tão iguais perante a lei e perante a sociedade, não seriam necessárias leis “especiais” e/ou protetivas para determinados grupos ou categorias;

2. dessa forma, uma determinada dose de violência, que varia de acordo com a época, o grupo social e o local, torna-se aceita e até é vista como necessária, inclusive por aquelas pessoas e instituições que teriam a obrigação e responsabilidade de proteger essas vítimas.

Esmiuçando a evolução histórica das *causas externas* entre 1980 e 2013 para os adolescentes de 16 e 17 anos verificamos que:

- as taxas de acidentes de transporte passam de 11,9 por 100 mil em 1980 e para 16,4 em 2013, um aumento bem moderado de 38,3% para os 33 anos estudados. Se lembrarmos de que a taxa da faixa entre 0 e 19 anos permaneceu quase constante em torno de 9 por 100 mil, com um inexpressivo aumento de 0,6%, verificamos que é de 16 e 17 anos a faixa que puxa os aumentos do conjunto. E isto acontece fundamentalmente por causa das motocicletas, de escassa ou nula incidência nas idades mais novas, decisivo nestas idades mais velhas. Efetivamente, nesta faixa, a mortalidade nos acidentes de transporte distribui seus quantitativos da seguinte forma:

- pedestre: 115 (10,1%);
- ciclista: 46 (4,0%);
- motociclista 468 (41,2%)
- ocupante automóvel: 239 (21,0%);
- outros: 268 (23,6%);
- total: 1.136 (100,0%).

Vemos que isoladamente, a morte de motociclistas representa 41,2% do total de mortes de adolescentes de 16 e 17 anos no trânsito, bem distante da segunda causa, acidentes de automóvel, que representa 21%;

- o suicídio, na faixa de 16 e 17 anos, teve também um aumento preocupante. Se o Brasil não se caracteriza historicamente pelas suas taxas elevadas nesta área, quando comparado a alguns países asiáticos ou europeus, a taxa de suicídios nesta faixa passou de 2,8 por 100 mil em 1980 para 4,1 em 2013. Aumento inquietante de 45,5%;
- mas será nos homicídios que essa faixa apresentará sua maior mortalidade. O número aumenta 640,9% nos 33 anos. As taxas, 496,4%. No ano de 2013 os homicídios representam, isoladamente, 46% do total de mortes de jovens na faixa dos 16 e 17 anos de idade, perto da metade.

Se a média nacional de homicídios na faixa de 16 e 17 anos de idade em 2013 foi de 54,1 homicídios por 100 mil adolescentes, a realidade geográfica do Brasil nos apresenta uma enorme variedade de situações bem diferenciadas:

- entre Unidades Federativas: com extremos que vão de Alagoas, Espírito Santo e Ceará, com taxas que ultrapassam os 100 homicídios por 100 mil adolescentes (de 147; 140,6 e 108 respectivamente) até Santa Catarina e Tocantins, com taxas de 17,3 e 13,8 respectivamente, isto é, entre os extremos de Alagoas e Tocantins, as taxas são 10,7 vezes maiores;
- entre as capitais, as diferenças são maiores ainda: a taxa de Fortaleza: 267,7 por 100 mil adolescentes multiplicou quase 16 vezes a de Campo Grande: taxa de 17,1;
- as diferenças são ainda maiores quando descemos para o nível dos municípios: tecnicamente infinita a distância entre os extremos, como Lauro de Freitas, Simões Filho ou Porto Seguro, os três na Bahia, com taxas acima dos 300 homicídios por 100 mil adolescentes – e os 4.753 municípios que não registraram nenhum assassinato de adolescente de 16 ou 17 anos de idade no ano de 2013. E aqui surge um

questionamento crucial: quais são os fatores que levam um pequeno número de municípios, ao todo 812 (14,6%) a ter um ou mais homicídios em 2013? Ou pouco mais de 60 municípios com mais de 4.000 adolescentes de 16 e 17 anos de idade a apresentar taxas de verdadeira pandemia de homicídios adolescentes: mais de 100 por 100 mil jovens? Dado o escopo do estudo, terão que ser as diversas instâncias locais – sociedade civil e aparelhos governamentais – os encarregados de procurar essas respostas.

Qual é o perfil dessas vítimas jovens de 16 e 17 anos de idade?

- em primeiro lugar, é nessa faixa etária que a participação dos homicídios no total de mortes atinge sua máxima expressão: 46% desses jovens morreram vítimas de homicídio em 2013. Proporção já impressionante, mas que tende a aumentar ainda mais com o passar do tempo. Essa concentração de homicídios origina uma taxa de 54,1 homicídios por 100 mil, que colocam Brasil no rol de países que mais mata sua juventude;
- nesse ano, 93% das vítimas pertenciam ao sexo masculino, seguindo a tendência de elevada mortalidade masculina observada em mapas anteriores. Um extremo, nessa área, foi Amapá, onde a totalidade dos homicídios fez vítimas do sexo masculino. No outro extremo, Roraima, com 71,4% de predominância masculina;
- em 2013, a taxa de homicídios de adolescentes brancos de 16 e 17 anos foi de 24,2 em 100 mil. A taxa equivalente de negros foi de 66,3 por 100 mil. A vitimização negra foi de 173,6%, isto é, morrem, proporcionalmente ao tamanho das respectivas populações, 2,7 vezes mais adolescentes negros que brancos;
- nesta área de vitimização de adolescentes negros temos casos bem extremos, como o de Sergipe, onde em 2013 morrem 1 adolescente branco e 63 negros, com uma taxa de vitimização de 1.926% (morrem, proporcionalmente, mais de 20 adolescentes negros por cada branco) ou o de Alagoas, onde morreram 7 brancos e 176 negros: vitimização 805% (9 negros por cada branco);

- o preocupante e inaceitável é que essa seletividade homicida dos adolescentes negros, que se reflete nos índices de vitimização, vem crescendo drasticamente ao longo dos últimos 10 anos. Em 2003 a vitimização de jovens negros foi de 71,8%. Em 2013, de 173,6%. O crescimento da vitimização no período foi de 141,7% mais negros que brancos quando comparado ao ano de 2003;
- além dessa concentração nos adolescentes negros, também existe uma elevada concentração de vítimas jovens com escolaridade bem inferior em relação ao conjunto da população dessa faixa etária.

No primeiro dos Mapas da Violência, divulgado em 1998, isto é, há 17 anos, destacávamos: *A realidade dos dados expostos coloca em evidência mais um de nossos esquecimentos. Jovens só aparecem na consciência e na cena pública quando a crônica jornalística os tira do esquecimento para nos mostrar um delinquente, ou infrator, ou criminoso; seu envolvimento com o tráfico de drogas e armas, as brigas das torcidas organizadas ou nos bailes da periferia. Do esquecimento e da omissão passa-se, de forma fácil, à condenação, e daí medeia só um pequeno passo para a repressão e punição*¹².

Hoje, 17 anos e muitos mapas depois, vemos com enorme preocupação que os mesmos argumentos são esgrimidos na tentativa de fundamentar a diminuição da maioridade penal, alavancados pela fúria de certa mídia sensacionalista e pela enorme inquietação da população diante de uma realidade cotidiana cada dia mais complicada e violenta. Esquece-se, de forma muito conveniente, que não foram os adolescentes que construíram esse mundo violências e corrupção. Esse está sendo nosso legado. Devem ser eles a pagar a conta?

¹² WAISELFISZ, J.J. *Mapa da Violência. Os Jovens do Brasil*. Brasília. UNESCO/Instituto Ayrton Senna: 1998.